U.PORTO

MESTRADO EM PSICOLOGIA
PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO E DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

Construindo a Minha História: Análise Exploratória do Crescimento Pós-Traumático e da Co-Construção da Narrativa de Vida de Adolescentes em Acolhimento Residencial

Beatriz Veloso Silva Sousa Andrade

M

2026

Universidade do Porto

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

CONSTRUINDO A MINHA HISTÓRIA:

ANÁLISE EXPLORATÓRIA DO CRESCIMENTO PÓS-TRAUMÁTICO E DA CO-CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA DE VIDA DE ADOLESCENTES EM ACOLHIMENTO RESIDENCIAL

Beatriz Veloso Silva Sousa Andrade

Outubro 2026

Dissertação apresentada no Mestrado em Psicologia, área de Psicologia da Educação e do Desenvolvimento Humano, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora ***Margarida Rangel Henriques*** (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspetivas, o trabalho e as interpretações do/da autor/a no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto concetuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o/a autor/a declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O/A autor/a declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Sem prejuízo do disposto anteriormente, o/a autor/a declara que recorreu a ferramentas de Inteligência Artificial durante o processo de elaboração deste trabalho. Em particular, utilizou-se "ChatGPT" para auxílio na tradução para português de documentos e artigos científicos em inglês. O recurso a estas ferramentas limitou-se aos usos descritos, mantendo-se as ideias, a análise, a interpretação dos resultados, a elaboração científica e a redação inicial da Dissertação integralmente da responsabilidade do/a autor/a.

Resumo

As narrativas de vida (NV) de adolescentes em contexto de acolhimento residencial são marcadas por experiências precoces adversas e pela falta de oportunidades sociais, distinguindo-se das NV de jovens da mesma faixa etária com percursos considerados típicos. Este estudo pretende: analisar o crescimento pós-traumático dos adolescentes institucionalizados e a sua eventual associação com a satisfação com a vida e com a coerência da NV; investigar a existência de particularidades no seu processo de co-construção narrativa e no impacto do *scaffolding* do entrevistador, comparando com adolescentes com trajetórias normativas. Participaram 10 adolescentes institucionalizados, aos quais se aplicaram o Inventário de Crescimento Pós-Traumático, a Escala de Satisfação com a Vida e a Entrevista de Co-Construção da Narrativa de Vida com Adolescentes (CLNIA). Participaram também 10 adolescentes residentes com a família biológica com quem foi realizada a mesma entrevista. O processo de co-construção foi analisado com base no Life-Narrative Co-Construction Analysis Manual (LNCCAM). Os adolescentes apresentaram valores de crescimento pós-traumático acima do ponto médio da escala, não se observando correlações significativas com a satisfação com a vida, nem com a coerência narrativa. Na presença de *scaffolding*, os adolescentes institucionalizados demonstraram aumentar significativamente a coerência das suas narrativas de vida e não se registaram diferenças significativas no sucesso do *scaffolding* entre os grupos, sugerindo que todos usufruíram do andaime do adulto para progredir na zona de desenvolvimento narrativo proximal. Este estudo permite refletir sobre a promoção do self narrativo, contribuindo para orientar a intervenção narrativa com adolescentes cujo passado foi marcado por adversidade.

Palavras-chave: narrativas de vida; adolescentes; acolhimento residencial; crescimento pós-traumático; CLNIA; *scaffolding* narrativo; coerência narrativa

Abstract

The life narratives (LN) of adolescents in residential care are shaped by early adverse experiences and a lack of social opportunities, distinguishing them from the LN of young people in the same age group whose life trajectories are considered typical. This study aims to: analyze post-traumatic growth among adolescents in residential care and its potential association with life satisfaction and the coherence of their LN; investigate possible distinctive features in their narrative co-construction process and in the interviewer's scaffolding impact, comparatively with typically developing adolescents. 10 adolescents in institutional care participated in the study. The Post-Traumatic Growth Inventory, the Life Satisfaction Scale, and the Life Narrative Co-Construction Interview with Adolescents (CLNIA) were administered. Additionally, 10 adolescents residing with their biological families also participated, with whom the same life narrative interview was conducted. The co-construction process was thus analyzed through the Life Narrative Co-Construction Analysis Manual (LNCCAM). The adolescents scored above the scale's cutoff point on measures of post-traumatic growth; no significant correlations were observed with life satisfaction or narrative coherence. When scaffolded, adolescents in institutional care exhibited a significant increase in the coherence of their life narratives, and no significant differences in the success of scaffolding were observed between the groups, suggesting that all benefited from adult scaffolding to progress within their zone of proximal narrative development. This study offers insights into the promotion of the narrative self, informing narrative interventions with adolescents whose backgrounds have been impacted by adversity.

Keywords: life narratives; adolescents; residential care; post-traumatic growth; CLNIA; narrative scaffolding; narrative coherence

Enquadramento Teórico

O acolhimento residencial apresenta-se como uma medida de promoção e proteção temporária a jovens em perigo pela incapacidade das suas famílias de satisfazer as suas necessidades físicas ou emocionais (Kuit & Ryke, 2023). Estas tendem a situar-se em contextos socioeconómicos desfavorecidos, sendo a pobreza, o desemprego e a precariedade fortes indicadores de previsão da retirada do jovem do meio familiar (Look, 2023). Consequentemente, estes jovens terão vivenciado experiências traumáticas precoces (Teixeira et al., 2018), como a perda do seu conceito de normalidade e crenças, seguida da exigência de uma adaptação a novos ambientes, figuras de vinculação e rotinas (Mitchell, 2018; Kuit & Ryke, 2023). Tais descontinuidades exigem integração narrativa nas suas vidas através da criação de significado (Neimeyer et al., 2014): quando bem-sucedida, facilita uma maior satisfação com a vida e bem-estar subjetivo (King et al., 2006; Miao et al., 2017). Esta integração permite encontrar unicidade e propósito na diversidade das próprias experiências (McAdams, 2001; McLean et al., 2007).

Narrativas de vida

Enquanto contadores de histórias por natureza, os seres humanos organizam neurologicamente experiências passadas em histórias sobre si próprios e sobre a sua vida (D'Argembeau et al., 2013). Para tal, integram memórias episódicas em memórias autobiográficas mais alargadas de modo a atribuir-lhes significado (McLean, 2005; Neimeyer et al., 2014). Assim, as memórias autobiográficas desempenham um papel crucial na compreensão do *self* e construção da identidade (Habermas & Bluck, 2000; McAdams, 2008). Bruner (1987) conceptualiza *narrativa* como a ferramenta com que cada indivíduo organiza as suas experiências de vida (enquadradas no tempo e contexto social) através da memória. Para Habermas & Bluck (2000), uma narrativa de vida define-se pela estruturação de memórias autobiográficas, integrando conhecimento abstrato passado, presente e futuro (Brewer & Gardner, 1996). A sua construção depende do raciocínio autobiográfico, um processo de pensamento reflexivo através do qual se integram ligações entre acontecimentos de vida independentes e o *self* como um todo, de forma a criar um sentido de coerência (Habermas & Bluck, 2000).

A coerência narrativa é multidimensional, conectando motivos e temas comuns a episódios distintos e sem relação aparente ao longo da história de vida, abrangendo a organização global da narrativa e os seus aspetos reflexivos (Baerger & McAdams, 1999).

A coerência temporal de uma narrativa remete para a capacidade de compreensão sobre a que altura da vida de um indivíduo se passa determinado evento narrado; a coerência causal-motivacional indica a capacidade de entendimento da motivação subjacente às ações e mudanças do indivíduo; a coerência temática refere-se à capacidade de identificação de motivos e similaridades temáticas entre episódios narrados interpretados pelo indivíduo (Habermas & Diehl, 2005). A coerência causal das narrativas conecta episódios numa determinada fase da vida bem como diferentes fases da vida entre si e explica mudanças nos valores ou na personalidade do narrador ao longo do tempo. Esta integração ajuda a construir um sentido coerente do eu ao longo do tempo, dando continuidade à história de vida do narrador. Na sua ausência, a vida pode parecer-lhe arbitrária e desprovida de significado (Habermas & Bluck, 2000). A coerência temática, que alinha vários elementos da vida em torno de temas comuns, contribui para a formação da identidade, definida por Erikson (1968) como um processo de revisão de crenças e visões antigas de si próprio e de exploração de uma variedade de personalidades possíveis (Habermas & Bluck, 2000).

É entre os doze e os dezasseis anos de idade que as narrativas apresentam pela primeira vez coerência causal-motivacional e temática (Habermas et al., 2010; 2015). Todavia, a produção de uma "Narrativa de Vida" não ocorre antes dos 15 anos, tornando-se gradualmente mais coerente e rica em associações com significado ao longo da adolescência e idade jovem-adulta (Habermas & Bluck, 2000). Os adolescentes em acolhimento residencial poderão processar as suas perdas através da atribuição de significado numa abordagem narrativa coerente (Thomas, 2014; Schofield et al., 2017), procurando estabelecer ligações causais entre a perda e as suas implicações (McAdams & McLean, 2013; Neimeyer et al., 2014).

Crescimento pós-traumático

Os adolescentes em contexto de acolhimento residencial, cujas histórias de vida e comportamento os tornam altamente vulneráveis, não demonstram seguir os mesmos padrões que os adolescentes ou adultos normativos pelas experiências de perdas, falta de oportunidades sociais ou abuso (McLean et al., 2013). Estes entraves não se detêm nas características destes jovens per se, mas na quantidade e natureza das adversidades enfrentadas (Lilgendahl & McAdams, 2011).

Todavia, a literatura sugere um potencial da construção de significado relativa à história de vida enquanto promotora do crescimento e da mudança positiva (Pals & McAdams, 2004; McAdams, 2006 in Thomas, 2014), bem como à integração de eventos traumáticos nas narrativas através da sua articulação com outras vivências normativas (Teixeira et al., 2018). A estas reatribuições de significado e reconstruções narrativas denominamos crescimento pós-traumático (CPT), ou seja, o conjunto de mudanças positivas que os indivíduos podem experimentar após uma experiência adversa. O CPT engloba cinco aspetos: novas possibilidades, relacionamento com os outros, força pessoal, mudança espiritual e apreciação pela vida (Calhoun & Tedeschi, 2006 *in* Cook, 2017). Este processo envolve uma ruminação inicial intrusiva, que eventualmente se torna intencional, resultando na criação de significado e crescimento de modo a integrar a experiência traumática na narrativa de vida do indivíduo (Calhoun & Tedeschi, 2006; Neimeyer, 2006 in Cook, 2017). Os acontecimentos centrais da vida, incluindo os traumáticos, desempenham um papel significativo na formação da identidade e histórias de vida, sendo o CPT tendencialmente relatado por indivíduos que consideram tais experiências como nucleares (Cook, 2017).

Scaffolding e Co-Construção Narrativa

A narração é considerada um aspeto social da linguagem por permitir a partilha de pensamentos e sentimentos entre locutor e ouvinte acerca de eventos (McLean & Mansfield, 2011). A experiência percetiva e sentido de propósito humanos estruturam-se através de processos cognitivos e linguísticos de um ponto de vista narrativo (Bruner, 2004), que se desenvolvem no decorrer de uma interação social segundo a teoria sociocultural de Vygotsky (1968). O autor estabelece o conceito de zona de desenvolvimento proximal (ZPD), definido pela distância entre o nível de desenvolvimento atual de uma criança – tarefas que esta consegue realizar autonomamente (Coll et al., 1996) – e o nível de desenvolvimento potencial – tarefas passíveis de resolução com o apoio de adultos ou pares mais competentes (Ribeiro et al., 2012). Wood e colaboradores (1976) apresentam o *scaffolding* (andaime) como um apoio temporário que adultos ou pares mais competentes fornecem ao jovem.

O *scaffolding* assume três dimensões: *scaffolding* social, associado ao desenvolvimento de competências sociais e linguísticas, *scaffolding* de competências não sociais e *self-scaffolding*, que envolve capacidades emocionais (Coll et al., 1996). A

interação dialógica promove a evocação de acontecimentos passados através de estratégias de *scaffolding* verbal, particularmente através do recurso a questões e *prompts*, favorecendo a produção narrativa e a inclusão de elementos narrativos (Lee & Kinzie, 2011; Massey et al., 2008). Estes estímulos do adulto associam-se a uma maior coerência das narrativas produzidas (Melzi et al., 2011; Silva & Cain, 2019).

Um estudo de McLean e Mansfield (2011) com díades mãe-adolescente sugere que quanto mais velhos os adolescentes e quanto mais as suas mães recorrem a estratégias de questionamento elaborativo, maior a probabilidade da resolução de situações vulneráveis ao falar sobre acontecimentos importantes. Em estudos comparativos entre narrativas espontâneas e narrativas de vida com andaime de crianças em acolhimento residencial, as últimas apresentam uma maior produtividade, sugerindo um impacto positivo do *scaffolding* (Silva, 2013); promovem também o processo de sequenciação temporal dos acontecimentos e a evocação de memórias episódicas (Braga, 2013). Por fim, verificou-se que num outro estudo, tanto com crianças residentes com a família biológica como em regime de acolhimento residencial, as narrativas com andaime apresentavam coerências significativamente superiores às narrativas espontâneas (Teixeira, 2014). Existindo evidência de um impacto significativo do *scaffolding* em díades entrevistador-criança, a literatura é ainda escassa no que toca a estudos com adolescentes (Almeida, 2017; McLean & Pasupathi, 2010).

Face ao exposto, este estudo foca-se em adolescentes em acolhimento residencial e tem como objetivo compreender em que medida significam situações de adversidade precoce em termos de crescimento pessoal e de que forma ocorre a seu processo de construção da narrativa de vida. Foram definidos como objetivos específicos: (1) avaliar o crescimento pós-traumático dos jovens em acolhimento residencial e a sua eventual associação ao bem-estar e à coerências das narrativas de vida; (2) explorar o impacto do *scaffolding* narrativo, comparando com o mesmo num grupo de adolescentes com um percurso de cuidados normativo; (3) explorar a existência de diferenças na forma como estes adolescentes se envolvem num processo diádico de co-construção da sua narrativa de vida e aderem ao *scaffolding* introduzido pelo entrevistador, em comparação com adolescentes desse mesmo grupo normativo.

Método

O presente estudo[1] apresenta um design misto, aliando a uma abordagem maioritariamente quantitativa uma abordagem qualitativa para análise da coerência das narrativas de vida dos jovens e do *scaffolding* em processos de co-construção diádicos entrevistador-adolescente. A abordagem qualitativa permitiu a exploração de uma abordagem interpretativa do crescimento pós-traumático, através da análise temática das narrativas. O estudo estará dividido em duas partes: a análise do crescimento pós-traumático realizada com um grupo de adolescentes em acolhimento residencial; a análise comparativa das narrativas de vida co-construídas destes adolescentes com as de adolescentes com um percurso considerado normativo e cujas narrativas já existiam.

Participantes

No presente estudo participaram 20 adolescentes, todos do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 15 e 19 anos (M = 16.55, DP = 0.89), incluindo 10 adolescentes integrados em regime de acolhimento residencial (50%) e 10 adolescentes que residiam com a sua família biológica (50%), os quais foram emparelhados com o primeiro grupo de acordo com as características sociodemográficas.

Oito adolescentes encontram-se no 11º ano de escolaridade (40.0%), seis no 12º (30.0%) e os restantes seis estão distribuídos entre o 8º e o 10º anos (30.0%), sendo que os cinco jovens que apresentavam pelo menos uma reprovação (26.4%) estavam inseridos em regime de acolhimento residencial (verificou-se um caso omisso). Relativamente à saúde mental, seis participantes (31.6%) mencionaram ter um diagnóstico psicológico/psiquiátrico de problemas emocionais e treze referiram não estarem diagnosticados (68.4%); metade dos adolescentes (n = 10) referiam ter acompanhamento psicoterapêutico e quatro (21.1%) referiram estar a tomar psicofármacos. Nas três variáveis houve um caso omisso.

[1] O presente estudo encontra-se circunscrito a um processo de investigação doutoral de seu nome "*The relationship between the co-construction of narrative identity and possible selves in adolescentes and its association with their well-being in different domains*", da autoria da Dr.ª Márcia Almeida e sob a supervisão da Prof. Dr.ª Margarida Rangel Henriques, pertencentes à equipa de investigação Webs of Meaning (FPCEUP).

Instrumentos de recolha e de codificação de dados

Dados Sociodemográficos

Foi elaborado e recolhido um questionário sociodemográfico com o intuito de contextualizar os participantes incluindo questões como sexo, idade, escolaridade, número de reprovações, potenciais diagnósticos e existência de acompanhamento psicológico/psiquiátrico.

Crescimento Pós-Traumático

O *Post Traumatic Growth Inventary* (PTGI) proposto por Tedeschi & Calhoun (1996) consiste num questionário de autorrelato que tem como objetivo medir a possível existência de mudanças psicológicas positivas desenvolvidas como forma de lidar com acontecimentos adversos na sua vida. É composto por 21 itens, com uma escala de 6 pontos, variando o seu fator total entre 0 e 105 - quanto mais elevada a pontuação, maior o crescimento pós-traumático. Conta ainda com quatro fatores, nomeadamente a perceção de recursos e competências; as dimensões de novas possibilidades e valorização da vida; o fortalecimento das relações interpessoais e o desenvolvimento espiritual. A escala evidencia ser adequada à população portuguesa pela sua boa consistência interna relativa ao fator total (α = .94), apresentando uma mínima correlação de α = .78 para o fator desenvolvimento espiritual (Silva et al., 2009).

Bem-estar subjetivo

A *Satisfaction with Life Scale* (SWLS) é uma escala de autorrelato que se propõe a medir a componente cognitiva do bem-estar subjetivo (Diener, 1984), isto é, a perceção global que cada indivíduo tem da própria vida. É composta por 5 itens e estrutura-se numa escala de *Likert* de 7 pontos, variando entre 5 e 35 pontos. Quanto mais elevada a pontuação da escala, mais positiva a satisfação geral de um indivíduo com a sua vida (Diener et al, 1985). Foram desenvolvidos *cutoffs* para interpretação da pontuação bruta: entre 5 e 12 pontos, atribui-se uma "extrema insatisfação" com a vida; 13-19 "insatisfação"; 20-24 considera-se que a pessoa está "neutra/ambivalente"; 25-29, "satisfação moderada"; 30-35, "alta satisfação" (Pavot & Diener, 2008). Em Portugal, esta escala foi apresentada por Neto e colaboradores (1990), apresentando uma consistência interna de α = 0,78 (Ribeiro, 2007).

Narrativa de Vida (Espontânea e Guiada)

A *Co-Construction Life Narrative Interview with Adolescents* (CLNIA), desenvolvida em 2022 por Almeida e Henriques, consiste numa entrevista semiestruturada com o intuito de revelar conteúdos autobiográficos e processos reflexivos do adolescente associados à construção do *self*, através da disponibilização de um andaime progressivo que o permita elaborar a sua narrativa de vida. Para tal, o entrevistador serve-se de estratégias de *scaffolding*, assumindo um papel ativo durante o processo de co-construção narrativa. A CLNIA baseou-se na Entrevista de Narrativa de Vida para Crianças (Henriques et al., 2009) e a Autobiographical Reasoning Interview (Habermas et al., 2007), dividindo-se em três momentos: Narrativa de Vida Espontânea, Narrativa de Vida Guiada (onde o entrevistador instrui o adolescente a imaginar a sua história de vida sobre uma linha de tempo, concretizada a partir de um fio, sendo-lhe sugerido que cole autocolantes representativos de momentos significativos da sua vida e que os descreva detalhadamente); Finalização.

Procedimentos

Procedimento da Recolha de Dados

A aplicação dos inventários e das entrevistas foram assegurados por investigadores com treino especializado na administração da CLNIA (Henriques & Almeida, 2022). A participação dos jovens foi totalmente voluntária, tendo sido obtido o seu consentimento informado acerca dos detalhes dos vários procedimentos da investigação e tratamento de dados, garantindo o seu anonimato e a confidencialidade. Foi também obtida a autorização dos encarregados de educação e da instituição de acolhimento residencial, quando aplicável.

Codificação das Narrativas de Vida

A codificação das narrativas de vida seguiu-se à transcrição integral das entrevistas, efetuada com base no *Three Rating Scales for Global Temporal, Causal-Motivational and Thematic Coherence in Life Narratives* (Habermas & Diehl, 2005), adaptado para português por Saraiva (2015). Dois juízes com formação para a sua aplicação asseguraram a cotação de cada escala independentemente (7 pontos), sendo discordâncias resolvidas por consenso. Foi obtida uma fidelidade do acordo interjuízes satisfatória (concordância mais baixa de $\kappa = .74$). Deu-se também o levantamento do

número de palavras por locutor, de modo a recolher dados relativos à produtividade narrativa de cada entrevista. Finalmente, procedeu-se à análise individual das falas, ou *utterances,* em cada narrativa de vida guiada, através do *Life Narrative Co-Construction Analysis Manual* (LNCCAM; Habermas et al., 2020). Este visa a compreensão da co-construção diádica de narrativas de vida, avaliando o processo e o resultado no que toca à qualidade da interação, incluindo processos de *scaffolding* e à produção narrativa, especificamente, no que concerne a complexidade dos conteúdos e processos de raciocínio autobiográfico (Habermas et al., 2020). Explora a qualidade da interação entre o jovem e o(s) adulto(s), a forma como o(s) co-narrador(es) adulto(s) assiste(m) o jovem para a coerência da sua narrativa, como reage o jovem aos estímulos do(s) co-narrador(es) e de que forma este(s) é(são) influenciado(s) pelas reações do jovem. O manual de codificação possui seis dimensões: o domínio da comunicação e qualidade da interação engloba Transição de Turno, Reação e Intervenção; o domínio do processo e produção narrativa inclui *Scope,* Valência Implícita e Elementos Narrativos. A codificação envolveu a formação de dois juízes. As narrativas foram inicialmente cotadas de forma independente, tendo sido obtida uma elevada fidelidade do acordo interjuízes ($\kappa = .87$). As restantes narrativas foram divididas entre juízes e cotadas individualmente.

Procedimento da Análise de Dados

A análise estatística dos resultados exigiu a criação de três bases de dados, uma para as *utterances*, outra para cada participante e uma última para a exploração dos aspetos da co-construção diádica entrevistador-adolescente, sendo as cotações das falas analisadas agrupadas em pares nessa mesma sequência. Para tal, foi utilizado o *IBM SPSS Statistics* (Versão 29). Finalmente, depois da recodificação de algumas variáveis através do seu encadeamento de acordo com um estudo prévio com crianças (Almeida, 2017) foi possível proceder à análise estatística dos resultados.

Resultados

De modo a dar resposta aos objetivos propostos para o presente estudo, este capítulo foi dividido em duas fases. Na **Fase 1.**, procuram-se analisar os resultados do *Post Traumatic Growth Inventary* (PTGI) face à exposição à adversidade precoce dos adolescentes em regime de acolhimento residencial e explorar a sua associação com a coerência das narrativas de vida e outras variáveis de bem-estar. Já na **Fase 2.**, é explorada

a comparação entre os processos de co-construção das narrativas de vida nas díades entrevistador-jovem com adolescentes em regime de acolhimento residencial e adolescentes residentes com a família biológica.

Fase 1. Crescimento pós-traumático e narrativas de vida de jovens em acolhimento residencial

Na primeira fase, consideramos exclusivamente a amostra de adolescentes institucionalizados, onde se levantou questões sobre a possibilidade da associação entre o CPT a um maior desenvolvimento do self dos adolescentes, avaliado através das coerências das suas narrativas de vida e do seu bem-estar, com os quais se previa uma associação positiva (Habermas & Bluck, 2000; McAdams & McLean, 2013) e outras variáveis sociodemográficas (McLean et al., 2013). Não se procurou uma associação entre o CPT e o sexo pela homogeneidade dos participantes – todos do sexo masculino.

Neste sentido, utilizou-se o PTGI pela sua capacidade de averiguação da potencial existência de mudanças psicológicas positivas num indivíduo que o permitam lidar com acontecimentos potencialmente traumáticos (Silva et al., 2009). Foram utilizados os 21 itens do questionário, porém, apenas foi utilizado o fator total de Desenvolvimento Pós-Traumático. Foi estabelecido um ponto de corte a partir da mediana da amostra para o fator total (Md = 81.00), dividindo os participantes em dois grupos – participantes com valores inferiores ou iguais à mediana foram classificados como tendo um baixo nível de desenvolvimento pós-traumático, enquanto participantes com valores superiores à mediana foram classificados como tendo um elevado nível de desenvolvimento pós-traumático.

Começou-se pela análise da normalidade da distribuição das variáveis. Tendo em conta que a maioria não cumpria com os pressupostos de normalidade e considerando o tamanho reduzido da amostra (N = 10), utilizou-se um teste não paramétrico. Efetuou-se, então, uma correlação de Spearman entre o valor total do PTGI e o valor total da *Satisfaction with Life Scale* (SWSL), a produtividade narrativa (através do número de palavras) e as coerências narrativas (temporal, causal e temática) tanto das narrativas espontâneas como das narrativas de vida guiadas dos adolescentes. Porém, não foram encontradas quaisquer correlações significativas entre tais variáveis e o valor total do PTGI.

Foi efetuada, adicionalmente, outra correlação de Spearman entre o valor total do PTGI e as variáveis do questionário socioeconómico *Idade* e *Nº de Reprovações*. Como expectado, a idade demonstrou uma correlação positiva com maiores níveis de CPT (McLean et al., 2010) e o número de reprovações demonstrou uma correlação negativa com maiores níveis de CPT (McLean et al., 2013), no entanto, os resultados não foram significativos ($rs = 0.17$, $p = .632$; $rs = -0.41$, $p = .279$, respetivamente).

Para uma análise mais aprofundada, procedeu-se ao levantamento dos casos mais extremados relativamente ao seu nível de desenvolvimento pós-traumático: os adolescentes com o valor total mais elevado e o mais baixo obtidos no PTGI (P1 e P2, respetivamente), para efeitos de contraste e compreensão de diferenças entre ambos.

Tabela 1

Caracterização dos participantes com o valor total mais elevado (P1) e mais baixo (P2) do PTGI a partir de Satisfação com a Vida (Valor Total do SWSL), variáveis socioeconómicas, Produtividade e Coerência Narrativas

Variáveis	Participantes	
	P1	*P2*
Dados socioeconómicos e escalas		
Idade	19	17
Ano de escolaridade	12º	9º
Nº de Reprovações	1	2
Problemas de saúde	Não	Não
Acompanhamento psicológico	Sim	Não
Medicação psiquiátrica	Sim	Não
Valor total PTGI	102	63
Valor Total SWSL	32	20
Produtividade e coerências narrativas		
Nº de palavras NE	1140	82
Nº de palavras adolescente NVG	1862	2428
Coerência Temporal NE	6	2
Coerência Causal NE	4	2
Coerência Temática NE	5	2
Coerência Temporal NVG	4	4
Coerência Causal NVG	4	3
Coerência Temática NVG	4	3

Nota: SV = Satisfação com a Vida; NE = Narrativa Espontânea; NVG = Narrativa de Vida Guiada

O primeiro adolescente (P1) tinha 19 anos, encontrava-se no 12º ano e tinha reprovado apenas uma vez. Não reportara problemas de saúde, apresentava um leve défice cognitivo não especificado, gozava de acompanhamento psicológico e tomava medicação psiquiátrica. Pelo resultado obtido no PTGI acima do ponto de corte (Md = 81.00) e a três pontos do *score* total (105), P1 apresenta um elevado nível de desenvolvimento pós-traumático, que se parece coadunar com a sua boa satisfação com a vida, de acordo com o seu resultado do SWSL (Pavot & Diener, 2008), também a três pontos do score total (35). Por outro lado, o segundo adolescente (P2) tinha 17 anos, encontrava-se ainda no 9º ano e contava com duas reprovações, não contando com acompanhamento psicológico ou medicação. P2 apresenta um baixo nível de desenvolvimento pós-traumático pelo seu resultado no PTGI, 63, que se encontra abaixo do ponto de corte, e demonstra estar neutro/ambivalente relativamente à sua vida pelo seu *score* no SWSL (Pavot & Diener, 2008). No que concerne a análise quantitativa das narrativas espontâneas dos jovens, foi possível constatar que tanto a produtividade como as coerências narrativas de P1 apresentavam níveis bastante superiores às de P2. No entanto, relativamente às narrativas de vida guiada, observou-se que não só P2 foi capaz de atingir níveis de coerências narrativas idênticos aos de P1, como o seu número de palavras foi superior – isto sugere que P2 terá sido capaz de tirar mais partido do *scaffolding* do entrevistador do que P1.

Ainda assim, foi possível estabelecer um contraste vincado entre o conteúdo das narrativas de cada adolescente. A narrativa de P1 ilustra uma história de crescimento pessoal: apesar de marcada por diversos eventos traumáticos, como a morte da mãe biológica ("aconteceu um momento trágico (…). Foi [nesse] momento (…) que disseram que a minha mãe tinha falecido."), com efeitos negativos imediatos no jovem, estes desencadeiam um processo contínuo de mudança ao longo do qual este é capaz de enumerar pelo menos um aspeto positivo ("uma promessa que eu fiz à minha mãe foi que eu nunca ia-me suicidar, (…) prometi que não voltava a fazer o que eu fiz quando ela faleceu"). O adolescente apresenta uma expressão clara e reconhecimento de emoções ("momento mais triste da minha vida"), estabelecendo relações causa-efeito ("Liberdade, senti-me livre, porque já estava farto de estar fechado num colégio") e salientando valores pessoais ("Nunca desisti, nunca tive (…) desistência no meu nome"), identificando a resiliência como a sua maior força. Recorre também a metáforas expansivas e de carácter positivo sobre acontecimentos específicos ("Foi um momento azul") ou para o self ("Eu (…) tinha uma energia para dar e vender") e para a vida ("Descobri que a vida é um mar

de rosas"). O jovem faz ainda uma referência direta a aprendizagens e lições de vida retiradas tanto de acontecimentos potencialmente traumáticos ("temos de saber aproveitar a vida sem irmos para o lado dos maus") como de acontecimentos ("[Isto] diz que os meus pais se preocupavam comigo e que me amavam muito") e/ou rotinas positivas ("Fiquei mais sociável"). Por fim, o adolescente apresenta-se esperançoso relativamente aos próprios desejos ("De agora em diante, prefiro (…) ser saudável.", "[Quero ser] modelista! (…) E modelo!"), demonstrando ter planos concretos para alcançá-los no seu futuro ("tomei a decisão para deixar de fumar tabaco, porque fazia-me mal (…) e decidi que ia começar os estudos"). Estes fatores coadunam-se não só com os níveis elevados de CPT de P1 como também com a sua satisfação com a vida, acabando por corroborar o demonstrado pela narrativa.

A narrativa de P2, em contrapartida, caracteriza um estado de estagnação, em que o próprio refere não ter mudado ao longo do tempo, nem mesmo após uma emigração repentina ("quando eu vim para Portugal (…), eu não me adaptava muito"), demonstrando indiferença relativamente aos acontecimentos ("E: (…) isso teve algum impacto em ti, na altura? P2: Não"), apenas identificando "dois momentos (…) que [achou] meio marcantes" na sua "vida inteira". O adolescente apresenta, em geral, pouca autonomia sobre as decisões tomadas ("Sempre tinha gente com… o furo (…) jogando bola, e [eu] ficava lá jogando bola também"), e falta de rumo na sua vida ("Voltei para Lisboa, vida normalmente… Mais um ano faltando aula.") por essa mesma indiferença ("Só queria saber de jogar bola, ficava jogando bola"). Frequentemente, tende a responder "não sei" a pedidos de narrativa ou intervenções da entrevistadora ("E: Foi de cesariana? (…) P2: De resto não sei", ou "E: (…) qual é a primeira coisa que te lembras? P2: Não faço a menor ideia"), demonstrando também dificuldades em identificar sentimentos ("E: E como é que te sentiste nesse momento? P2: Normal!"). O jovem estabelece atribuições a causas incontroláveis e imutáveis ("Eu sei do jeito que eu sou", "Sempre fui assim.", "já é… genética. A mesma coisa que minha mãe", recusando ter efetuado aprendizagens com os acontecimentos da própria vida ("E: Aprendeste alguma coisa com essas… com essas dinâmicas com a tua irmã? P2: Não", ou "E: E aprendeste alguma coisa com essas situações? P2: Sinceramente? Não"). Não são expressos também desejos para além de continuar a jogar futebol ou planos futuros definidos ("E: Há mais alguma coisa? Que estejas a planear… P2: Agora não. Talvez ano que vem."). As evidentes neutralidade e indiferença presentes nesta narrativa coadunam-se com os resultados da satisfação com a

vida de P2 obtidos no SWSL, assim como os baixos níveis de CPT, corroborados pela estagnação, falta de perspetivas de futuro e ausência reportada de aprendizagens ou lições de vida efetuadas.

Fase 2. Comparação entre processos de co-construção das narrativas de vida nas díades entrevistador-jovem em acolhimento residencial e residentes com a família biológica

Considerando que os processos de co-construção podem ser afetados negativamente pelos fatores sociais e estruturais em que se inserem os adolescentes (McLean et al., 2013), procurou-se explorar o processo de adesão ao *scaffolding*. Para efeitos de análise comparativa dos processos de co-construção por domínio do LNCCAM, foram selecionados apenas os remetentes à comunicação e qualidade da interação. Os processos relativos à produção narrativa foram analisados através da exploração do impacto do *scaffolding* na produção de elementos narrativos, consequentemente, os resultados da análise dos domínios Scope, Valência Emocional e Elementos Narrativos foram remetidos para a secção Anexos. Expectava-se também que os níveis de coerência narrativa fossem inferiores no grupo de adolescentes em acolhimento residencial do que em jovens de uma amostra normativa pelos seus percursos de adversidade (Lilgendahl & McAdams, 2011). Nesse sentido, procedeu-se ao emparelhamento do grupo de jovens institucionalizados com o grupo de jovens residentes com a família biológica, resultando assim a amostra final num total de 20 participantes ($N = 20$).

Pela ausência de normalidade da distribuição das variáveis e tamanho reduzido da amostra, optou-se pela utilização de testes não paramétricos nas conseguintes análises estatísticas de dados. A seguinte tabela dispõe a análise descritiva das variáveis *Produtividade* e *Coerência Narrativa*, de forma a compreender a sua distribuição nos dois momentos de entrevista com os adolescentes em regime de acolhimento residencial, bem como a averiguação de possíveis diferenças significativas entre os mesmos.

Tabela 2.1.1

Descritivas – Mediana (Amplitude Interquartis) – e resultados do Teste de Wilcoxon entre a Produtividade e Coerência Narrativas em função do tipo de Narrativa de Vida no grupo de jovens em regime de Acolhimento Residencial (N = 10)

Variáveis	Tipo de Narrativa		*T*	*p*
	Espontânea	*Guiada*		
Nº de Palavras	350.00(1223.50)	5073.00(7191.75)	55.00	.005**
Coerência Temporal	4.00(3.00)	5.00(1.25)	25.00	.319
Coerência Causal	3.00(2.00)	4.00(1.25)	45.00	.007**
Coerência Temática	3.00(1.25)	4.00(1,00)	40.50	.021*

*$p < .050$,**$p < .010$

Verificaram-se diferenças significativas entre a produtividade narrativa das narrativas espontâneas e das narrativas de vida guiadas dos jovens em regime de acolhimento residencial (T = 55.00, p = .005): o número de palavras mediano das narrativas de vida guiadas (Md = 5073.00, AIQ = 7191.75) é superior ao número de palavras das narrativas de vida espontâneas (Md = 350.00, AIQ = 1223.50). No que refere às dimensões da coerência narrativa, foram encontrados valores significativamente superiores (T = 45.00, p = .007) de coerência causal nas narrativas de vida guiada (Md = 4.00, AIQ = 1.25) comparativamente aos das narrativas espontâneas (Md = 3.00, AIQ = 2.00). Os valores da coerência temática apresentam-se significativamente superiores (T = 40.50, p = .021) nas narrativas de vida guiada (Md = 4.00, AIQ = 1.00) relativamente aos das narrativas espontâneas (Md = 3.00, AIQ = 1.25). Não foram encontradas diferenças significativas entre a coerência temporal das narrativas espontâneas e das narrativas de vida guiadas destes jovens.

A Tabela 2.1.2. apresenta a mesma análise descritiva e exploração de possíveis diferenças significativas entre os dois tipos de narrativa, desta vez com o grupo de adolescentes residente com a respetiva família biológica.

Tabela 2.1.2

Descritivas – Mediana (Amplitude Interquartis) – e resultados do Teste de Wilcoxon entre as variáveis Produtividade e Coerência Narrativas em função do tipo de Narrativa de Vida no grupo de jovens que residem com a sua Família Biológica (N = 10)

Variáveis	Tipo de Narrativa		*T*	*p*
	Espontânea	*Guiada*		
Nº de Palavras	460.50(887.50)	3320.00(1683.00)	55.00	.005**
Coerência Temporal	4.00(3,00)	5.00(0.00)	42.00	.018*
Coerência Causal	4.00(1.50)	5.00(1.00)	41.50	.020*
Coerência Temática	3.50(3.25)	4.50(2.00)	34.50	.141

*$p < .050$,**$p < .010$

Os resultados sugerem diferenças significativas entre a produtividade narrativa das narrativas espontâneas e das narrativas de vida guiadas dos jovens residentes com a família biológica, $T = 55.00$, $p = .005$, nomeadamente, o número de palavras mediano das narrativas de vida guiadas (*Md* = 3320.00, AIQ = 1683.75) é superior ao número de palavras das narrativas de vida espontâneas (*Md* = 460.50, AIQ = 887.50). Foram encontrados valores significativamente superiores de coerência temporal ($T = 42.00$, $p = .018$) e de coerência causal ($T = 41.50$, $p = .020$) nas narrativas de vida guiada (*Md* = 5.00, AIQ = 0.00; *Md* = 5.00, AIQ = 1.00, respetivamente) comparativamente aos das narrativas espontâneas (*Md* = 4.00, AIQ = 3.00; *Md* = 4.00, AIQ = 1.50, respetivamente). Não foram encontradas diferenças significativas entre a coerência temática das narrativas espontâneas e das narrativas de vida guiadas do grupo.

Seguidamente, procurou-se perceber se haveria diferenças entre o grupo de jovens em regime de acolhimento residencial e o de jovens residentes com a sua família biológica no que toca à produtividade e às diferentes dimensões da coerência narrativa, tanto nas narrativas espontâneas como nas narrativas de vida guiadas. A tabela seguinte apresenta as estatísticas descritivas referentes à distribuição dos dados mencionados e a exploração de diferenças entre grupos.

Tabela 2.1.3

Descritivas – Mediana (Amplitude Interquartis) – e resultados do Teste de Mann-Whitney entre as variáveis Produtividade e Coerência Narrativas em função do grupo de adolescentes (N = 20)

Variáveis	Grupo		U	*p*
	AR	*FB*		
NP NE	350.00(1223.50)	460.50(887.50)	45.00	.739
NP Adolescente NVG	5073.00(7191.75)	3320.00(1683.00)	65.00	.280
NP(%) Adolescente NVG	74.00(30.50)	76.50(14.25)	40.00	.481
Coerência Temporal NE	4.00(3.00)	4.00(3,00)	59.00	.529
Coerência Causal NE	3.00(2.00)	4.00(1.50)	23.50	.043*
Coerência Temática NE	3.00(1.25)	3.50(3.25)	48.50	.912
Coerência Temporal NVG	5.00(1.25)	5.00(0.00)	41.00	.529
Coerência Causal NVG	4.00(1.25)	5.00(1.00)	28.50	.105
Coerência Temática NVG	4.00(1,00)	4.50(2.00)	49.50	.971

Nota: AR = Acolhimento Residencial; FB = Família Biológica; NP = Nº de Palavras; NE = Narrativa Espontânea; NVG = Narrativa de Vida Guiada

*$p < .050$, **$p < .001$

Os resultados demonstraram diferenças significativas entre os valores da coerência causal das narrativas espontâneas (U = 23.50, $p = .043$), superiores nos jovens residentes com a sua família biológica (*Md* = 4.00, AIQ = 1.50) em comparação com os de jovens em regime de acolhimento residencial (*Md* = 3.00, AIQ = 2.00). Não foram encontradas diferenças significativas entre os grupos de adolescentes nem nas restantes dimensões da coerência narrativa nem no que concerne os valores de produtividade (expressos pelo número de palavras) independentemente do tipo de narrativa.

Posteriormente, foram procuradas possíveis associações entre a produtividade e as diversas dimensões da coerência narrativa em cada um dos grupos de jovens. Nas Tabelas 2.2.1 e 2.2.2 são apresentados os resultados da correlação de Spearman entre as dimensões referentes às narrativas espontâneas e narrativas de vida guiadas dos adolescentes em regime de acolhimento residencial e dos adolescentes residentes com a família biológica, respetivamente.

Tabela 2.2.1

Resultados da Correlação de Spearman entre a Produtividade (Nº de Palavras) e a Coerência Narrativas no grupo de jovens em regime de Acolhimento Residencial (N = 10)

	NP NE	NP Adolescente NVG	NP(%) Adolescente NVG	Coerência Temporal NE	Coerência Causal NE	Coerência Temática NE	Coerência Temporal NVG	Coerência Causal NVG	Coerência Temática NVG
NP NE	1	–	–	.63	.81**	.88**	–	–	–
NP Adolescente NVG		1	.95***	–	–	–	.13	.45	.66*
NP(%) Adolescente NVG			1	–	–	–	.13	.50	.66*
Coerência Temporal NE				1	.65*	.78**	–	–	–
Coerência Causal NE					1	.81**	–	–	–
Coerência Temática NE						1	–	–	–
Coerência Temporal NVG							1	.21	.52
Coerência Causal NVG								1	.75*
Coerência Temática NVG									1

Nota: NP = Nº de Palavras; NE = Narrativa Espontânea; NVG = Narrativa de Vida Guiada

*$p < .050$,**$p < .010$, ***$p < .001$

Tabela 2.2.2

Resultados da Correlação de Spearman entre a Produtividade (Nº de Palavras) e a Coerência Narrativas no grupo de jovens que residem com a sua Família Biológica (N = 10)

	NP NE	NP Adolescente NVG	NP(%) Adolescente NVG	Coerência Temporal NE	Coerência Causal NE	Coerência Temática NE	Coerência Temporal NVG	Coerência Causal NVG	Coerência Temática NVG
NP NE	1	–	–	.60	.69*	.72*	–	–	–
NP Adolescente NVG		1	.78**	–	–	–	.39	.44	.46
NP(%) Adolescente NVG			1	–	–	–	.47	.39	.58
Coerência Temporal NE				1	.89***	.81**	–	–	–
Coerência Causal NE					1	.79**	–	–	–
Coerência Temática NE						1	–	–	–
Coerência Temporal NVG							1	.39	.25
Coerência Causal NVG								1	.81**
Coerência Temática NVG									1

Nota: NP = Nº de Palavras; NE = Narrativa Espontânea; NVG = Narrativa de Vida Guiada

*$p < .050$,**$p < .010$, ***$p < .001$

Os resultados referentes ao grupo de jovens em regime de acolhimento residencial (Tabela 2.2.1) indicam uma correlação positiva significativa entre a produtividade das suas narrativas espontâneas e a sua coerência causal (r_s = .81, p = .004) e temática (r_s = .88, p < .001), isto é, um maior número de palavras de uma narrativa espontânea está associado a uma maior coerência causal e temática da mesma. Verificaram-se correlações positivas significativas entre a coerência temporal e a coerência causal (r_s = .65, p = .041), entre a coerência temporal e a coerência temática (r_s = .78, p = .008), bem como entre a coerência causal e a coerência temática (r_s = .81, p = .004) das narrativas espontâneas destes jovens. No que toca à produtividade das suas narrativas de vida guiadas, foi encontrada uma correlação positiva significativa tanto entre o número de palavras bruto (r_s = .66, p = .037) como em percentagem (r_s = .66, p = .037) com a coerência temática. Verificou-se também uma correlação positiva significativa entre a coerência causal e a coerência temática (r_s = .75, p = .013) das narrativas de vida guiadas deste grupo. Não se evidenciaram correlações significativas entre a produtividade e a coerência temporal independentemente do tipo de narrativa, nem entre a produtividade e a coerência causal das narrativas de vida guiadas dos jovens. Também não se identificaram correlações entre a coerência temporal das narrativas de vida guiadas e a sua coerência causal e temática.

Relativamente ao grupo de jovens residentes com a família biológica (Tabela 2.2.2), os resultados apresentaram correlações positivas significativas entre a produtividade das suas narrativas espontâneas e a sua coerência causal (r_s = .69, p = .028) e temática (r_s = .72, p = .019). Verificaram-se correlações positivas significativas entre coerências das narrativas espontâneas, nomeadamente, a coerência temporal e a coerência causal (r_s = .89, p < .001), a coerência temporal e a coerência temática (r_s = .81, p = .005) e a coerência causal e a coerência temática (r_s = .79, p = .007). Foi possível identificar uma correlação positiva significativa entre a coerência causal e a coerência temática (r_s = .81, p = .005) das narrativas de vida guiadas. Não constam dos resultados correlações significativas entre a produtividade das narrativas espontâneas deste grupo de jovens e a sua coerência temporal. No que concerne as narrativas de vida guiadas, não foram encontradas correlações significativas entre qualquer medida de produtividade (número de palavras ou percentagem do número de palavras) e coerências narrativas, nem entre a sua coerência temporal e as suas coerências causal e temática.

De modo a identificar possíveis diferenças entre os dois grupos de jovens relativamente aos processos de co-construção das suas narrativas de vida a partir das

díades entrevistador-adolescente, foram efetuadas análises para as seis dimensões do Life Narrative Co-Construction Analysis Manual (LNCCAM) - Transição de Turno; Reação; Intervenção; *Scope*; Elementos Narrativos e Valência Implícita - para uma comparação à luz do aprofundamento da compreensão das dinâmicas diádicas estabelecidas em cada grupo de adolescentes.

Assim, para a dimensão Transição de Turno, como ilustrado na tabela abaixo, procurou-se observar a distribuição das instâncias codificadas com Harmonioso, Obtém o Turno, Interrompe e Completa por narrativa tanto nas *utterances*/falas do entrevistador como nas dos adolescentes, assim como determinar possíveis diferenças significativas por item entre o grupo de jovens em acolhimento residencial e o grupo de jovens que reside com a família biológica.

Tabela 3

Descritivas – Mediana (Amplitude Interquartis) – e resultados do Teste de Mann-Whitney da variável Transição de Turno em função do grupo de adolescentes (N = 20)

Transição de Turno	Grupo		U	*p*
	AR	*FB*		
Entrevistador				
Harmonioso	196.00(66.75)	83.00(78.00)	95.00	< .001***
Obtém o Turno	0.00(0.00)	0.00(0.00)	50.00	1
Interrompe	11.50(10.25)	5.00(6.25)	73.00	.089
Completa	1.00(3.25)	0.50(2.00)	62.00	.393
Adolescente				
Harmonioso	0.00(0.00)	0.00(0.00)	50.00	1
Obtém o Turno	207.00(58.75)	84.00(74.50)	94.00	< .001***
Interrompe	6.00(10.25)	4.00(4.25)	65.50	.247
Completa	0.00(0.00)	0.00(0.00)	55.00	1

Nota: AR = Acolhimento Residencial; FB = Família Biológica

*$p < .050$, ***$p < .001$

Os resultados referentes às *utterances* do entrevistador sugerem diferenças significativas na categoria Harmonioso (U = 95.00, $p < .001$), em que os valores medianos do grupo de adolescentes em regime de acolhimento residencial (*Md* = 196.00, AIQ = 66.75) são superiores aos do grupo de adolescentes residentes com a família biológica (*Md* = 83.00, AIQ = 78.00). Verificaram-se também diferenças significativas na categoria

Obtém o Turno referente às *utterances* dos adolescentes (U = 94.00, $p < .001$), sendo que os valores medianos do grupo de jovens em regime de acolhimento residencial (*Md* = 207.00, AIQ = 58.75) são superiores aos do grupo de adolescentes residentes com a família biológica (*Md* = 84.00, AIQ = 74.50). Não se encontram diferenças significativas entre grupos nas restantes categorias, nomeadamente, Obtém o Turno, Interrompe e Completa para o entrevistador e Harmonioso, Interrompe, Completa para os adolescentes.

A Tabela 4.1. ilustra a distribuição das *utterances*, tanto do entrevistador como dos adolescentes, codificadas com cada uma das categorias pertencentes à dimensão Reação: Continuidade Natural, Corrige, Modifica, Ignora, Rejeita, Não Recorda, Surpresa, Confirma e Repete. Pela equivalência da qualidade da reação (positiva/negativa), estas foram agrupadas em categorias compósitas, nomeadamente Corrige e Modifica; Ignora, Rejeita e Não Recorda; Confirma e Repete (Almeida, 2017). Efetuou-se igualmente uma análise de possíveis diferenças significativas por categoria entre cada grupo de jovens.

Tabela 4.1

Descritivas – Mediana (Amplitude Interquartis) – e resultados do Teste de Mann-Whitney da variável Reação em função do grupo de adolescentes (N = 20)

Reação	Grupo		U	*p*
	AR	*FB*		
Entrevistador				
Continuidade Natural	181.50(79.00)	83.00(73.75)	92.50	< .001***
Corrige e Modifica	0.00(2.00)	1.00(2.00)	43.50	.631
Ignora, Rejeita e Não Recorda	1.00(1.25)	0.00(0.00)	81.00	.019*
Surpresa	2.00(7.00)	0.00(0.00)	82.50	.011*
Confirma e Repete	18.00(13.00)	4.50(3.50)	95.50	< .001***
Adolescente				
Continuidade Natural	157.50(75.75)	59.00(58.00)	95.00	< .001***
Corrige e Modifica	7.50(9.50)	6.00(5.50)	54.50	.739
Ignora, Rejeita e Não Recorda	13.00(11.50)	4.50(5.75)	87.50	.004**
Surpresa	0.00(0.25)	0.00(0.00)	54.00	.796
Confirma e Repete	23.50(22.25)	14.50(12.00)	74.00	.075

Nota: E = Entrevistador; A = Adolescente; AR = Acolhimento Residencial; FB = Família Biológica

*$p < .050$, **$p < .010$, ***$p < .001$

Foram verificadas diferenças significativas entre grupos relativamente às *utterances* do entrevistador nas categorias Continuidade Natural (U = 92.50, p < .001) e Confirma e Repete (U = 95.50, p < .001), em ambas o número mediano de instâncias codificadas superior no grupo dos adolescentes em acolhimento residencial (Md = 181.50, AIQ = 79.00; Md = 18.00, AIQ = 13.00, respetivamente) ao grupo de adolescentes que residem com a família biológica (Md = 83.00, AIQ = 73.75; Md = 4.50, AIQ = 3.50, respetivamente). No que concerne as *utterances* dos adolescentes, identificaram-se diferenças significativas nas categorias Continuidade Natural (U = 95.00, $p < .001$) e Ignora, Rejeita e Não Recorda (U = 87.50, p = .004), ambas com valores medianos superiores no grupo de jovens em acolhimento residencial (*Md* = 157.50, *AIQ* = 75.75; Md = 13.00, AIQ = 11.50, respetivamente) aos do grupo de residentes com a família biológica (Md = 59.00, AIQ = 58.00; Md = 4.50, AIQ = 5.75, respetivamente). Nas restantes categorias, nomeadamente Corrige e Modifica, Ignora, Rejeita e Não Recorda e Surpresa para as codificações do entrevistador, e Corrige e Modifica, Surpresa e Confirma e Repete para as codificações dos adolescentes não foram encontradas diferenças significativas.

Com o objetivo de explorar possíveis diferenças entre grupos na forma como cada interveniente reagiu às intervenções do outro, subagruparam-se as categorias deste domínio em conjuntos de reações positivas – Continuidade Natural; Surpresa; Confirma e Repete – e negativas – Corrige e Modifica; Ignora, Rejeita e Não Recorda. Procedeu-se, de seguida, à análise descritiva das categorias Qualidade da Reação Positiva e Negativa, para além da averiguação de diferenças entre o grupo de jovens em acolhimento residencial e o grupo de jovens residentes com a sua família biológica, tanto para as codificações das *utterances* do entrevistador como dos adolescentes.

Tabela 4.2

Descritivas – Mediana (Amplitude Interquartis) – e resultados do Teste de Mann-Whitney da variável Qualidade da Reação em função do grupo de adolescentes (N = 20)

Qualidade da Reação	Grupo		U	*p*
	AR	*FB*		
Entrevistador				
Positiva	202.50(66.75)	75.00(82.25)	95.00	< .001***
Negativa	1.00(1.25)	0.00(0.00)	81.00	.019*
Adolescente				
Positiva	195.50(80.25)	62.00(66.50)	94.00	< .001***
Negativa	13.00(11.50)	4.50(5.75)	87.00	.004**

Nota: AR = Acolhimento Residencial; FB = Família Biológica

*$p < .050$, **$p < .010$, ***$p < .001$

Encontraram-se diferenças significativas tanto na categoria Qualidade da Reação Positiva como na Qualidade da Reação Negativa, ambas no que concerne as *utterances* do entrevistador ($U = 95.00$, $p < .001$; $U = 81.00$, $p = .019$, respetivamente) e as *utterances* dos adolescentes ($U = 94.00$, $p < .001$; $U = 87.00$, $p = .004$, respetivamente), cujos valores medianos são superiores no grupo de jovens em regime de acolhimento residencial (*Md* = 202.50, *AIQ* = 66.75; *Md* = 1.00, AIQ = 1.25, respetivamente, para o entrevistador; *Md* = 195.50, *AIQ* = 80.25; *Md* = 13.00, AIQ = 11.50, respetivamente, para os adolescentes) aos do grupo de jovens residentes com a família biológica (*Md* = 75.00, AIQ = 82.25; *Md* = 0.00, AIQ = 0.00, respetivamente, para o entrevistador; *Md* = 62.00, AIQ = 66.50; *Md* = 4.50, AIQ = 5.75, respetivamente, para os adolescentes).

De seguida, com o intuito de explorar a dimensão Intervenção, foi efetuada uma análise da distribuição das *utterances* do entrevistador e dos adolescentes codificadas com cada uma das categorias a esta subordinadas - Metacomunicação, Muda ou Termina Narrativa, Encorajamento, Pedido de Narrativa, Orientação, Questões Específicas, Dá uma Pista e Elabora. Procurou-se também perceber se existiriam diferenças significativas por categoria entre os grupos de adolescentes.

Tabela 5

Descritivas – Mediana (Amplitude Interquartis) – e resultados do Teste de Mann-Whitney da variável Intervenção em função do grupo de adolescentes (N = 20)

Intervenção	Grupo		U	*p*
	AR	*FB*		
Entrevistador				
Metacomunicação	11.00(12.00)	10.00(8.00)	49.00	.971
Muda ou Termina Narrativa	0.00(0.25)	1.00(1.25)	23.00	.043*
Encorajamento	65.50(58.00)	20.00(50.25)	79.00	.029*
Pedido de Narrativa	20.00(4.25)	16.00(8.00)	72.00	.105
Orientação	37.50(37.00)	22.00(13.75)	83.00	.011*
Questões Específicas	114.50(57.50)	47.50(37.25)	83.00	.011*
Dá uma Pista	1.50(4.00)	0.00(1.25)	68.00	.190
Elabora	0.00(0.25)	0.00(0.00)	60.00	.481
Adolescente				
Metacomunicação	6.00(18.75)	12.00(6.75)	40.50	.481
Muda ou Termina Narrativa	4.00(4.25)	1.00(0.00)	85.00	.007**
Encorajamento	17.50(22.50)	5.00(8.00)	68.50	.165
Pedido de Narrativa	0.00(0.00)	0.00(0.00)	45.00	.739
Orientação	0.00(0.00)	0.00(0.00)	50.00	1.00
Questões Específicas	4.50(7.75)	2.50(2.25)	61.00	.436
Dá uma Pista	0.00(0.00)	0.00(0.00)	55.00	.739
Elabora	168.50(72.50)	74.50(52.00)	94.00	< .001***

Nota: AR = Acolhimento Residencial; FB = Família Biológica

*p < .050, **p < .010, ***p < .001

Os resultados relativos às *utterances* do entrevistador ilustram diferenças significativas na categoria Muda ou Termina Narrativa (U = 23.00, p = .043), em que os valores medianos do grupo de adolescentes em regime de acolhimento residencial (*Md* = 0.00, AIQ = 0.25) são inferiores aos do grupo de adolescentes residentes com a família biológica (*Md* = 1.00, AIQ = 1.25). Identificaram-se também diferenças significativas no que concerne as categorias Encorajamento (U = 79.00, p = .029), Orientação (U = 83.00, p = .011) e Questões Específicas (U = 83.00, p = .011), os valores medianos do grupo de jovens em regime de acolhimento residencial (*Md* = 65.50, AIQ = 58.00; *Md* = 37.50, AIQ = 37.00; (*Md* = 114.50, AIQ = 57.50, respetivamente) em todas superior aos do grupo de adolescentes residentes com a família biológica (*Md* = 20.00, AIQ = 50.25; *Md* =

22.00, AIQ = 13.75; *Md* = 47.50, AIQ = 37.25, respetivamente). Relativamente às *utterances* dos adolescentes, verificaram-se diferenças significativas nas categorias Muda ou Termina Narrativa (U = 85.00, $p = .007$) e Elabora (U = 94.00, $p < .001$), cujos valores medianos do grupo de jovens em regime de acolhimento residencial (Md = 4.00, AIQ = 4.25; *Md* = 168.50, AIQ = 72.50, respetivamente) são superiores aos do grupo de adolescentes residentes com a família biológica (*Md* = 1.00, AIQ = 0.00; *Md* = 74.50, AIQ = 52.00, respetivamente). Não se encontraram diferenças significativas entre grupos nas restantes categorias, nomeadamente, Metacomunicação, Pedido de Narrativa, Dá uma Pista e Elabora para o entrevistador e Metacomunicação, Encorajamento, Pedido de Narrativa, Orientação, Questões Específicas e Dá uma Pista para os adolescentes.

Finalmente, após a exploração da natureza das interações com o entrevistador, propõe-se a análise do impacto do *scaffolding* na produção dos elementos narrativos, explicitamente, se o efeito do *scaffolding* do entrevistador sobre os adolescentes foi positivo, e se existem diferenças entre grupos por categoria. Tal análise foi efetuada através de uma atribuição de emparelhamentos entre *utterances*/falas entrevistador-adolescente sequenciais. Definiram-se três variáveis com o intuito de classificar o impacto do *scaffolding* seguindo o estudo de Almeida (2017), nomeadamente o Insucesso no *Scaffolding*, em que apesar da solicitação de conteúdo específico pertencente a um ou vários elementos por parte do entrevistador, o adolescente não é capaz de corresponder ao exigido; o Sucesso no *Scaffolding*, ocorrências em que o adolescente produz conteúdo narrativo específico a um ou vários elementos explicitamente pedidos pelo entrevistador; por fim, o *Scaffolding* Expandido, referente a uma produção espontânea de conteúdo por parte do adolescente para além do solicitado pelo entrevistador.

A Tabela 6 ilustra a análise descritiva das frequências relativas do insucesso, sucesso e expansão do *scaffolding*, despistando possíveis diferenças entre os grupos de jovens. A análise dá-se por emparelhamento sequencial de *utterances* entrevistador-adolescente relativas a cada categoria compósita da dimensão Elementos Narrativos. Este valor é expresso através da proporção da percentagem do número de *utterances* emparelhadas de cada narrativa onde se verificou Insucesso, Sucesso ou Expansão no *scaffolding* pelo total de parelhas onde ocorre uma dada categoria compósita.

Tabela 6

Frequências relativas do Sucesso do Scaffolding *– Mediana (Amplitude Interquartis) – e significância do Teste de Mann-Whitney por Elemento Narrativo em função do grupo de adolescentes (N = 20)*

Elementos Narrativos	Insucesso			Sucesso			Expandido		
	AR	*FB*	*p*	*AR*	*FB*	*p*	*AR*	*FB*	*p*
Orientação Temporal	0.23(0.20)	0.17(0.20)	.315	0.24(0.09)	0.27(0.12)	.436	0.50(0.26)	0.58(0.23)	.579
Orientação Causal-Motivacional	0.19(0.25)	0.09(0.12)	.165	0.20(0.06)	0.26(0.12)	.143	0.65(0.31)	0.66(0.12)	.912
Orientação Temática	0.04(0.18)	0.11(0.25)	.579	0.04(0.20)	0.06(0.14)	1.00	0.87(0.30)	0.83(0.30)	.631
Autocaracterização	0.00(0.34)	0.00(0.00)	.353	0.00(9.02)	0.00(0.08)	.912	0.94(0.55)	1.00(1.00)	.971
Contexto	0.36(0.22)	0.17(0.12)	.005**	0.45(0.17)	0.60(0.18)	.003**	0.17(0.14)	0.19(0.13)	.684
Circunstâncias Potencialmente Traumáticas	0.03(0.07)	0.00(0.00)	.023*	0.00(0.00)	0.00(0.00)	1.00	0.97(0.07)	1.00(1.00)	.684
Ações	0.14(0.17)	0.27(0.20)	.353	0.00(0.00)	0.00(0.00)	1.00	0.86(0.17)	0.73(0.20)	.353
Emoções	0.24(0.24)	0.14(0.26)	.218	0.00(0.00)	0.00(0.00)	1.00	0.76(0.24)	0.86(0.26)	.218
Avaliações	0.18(0.28)	0.09(0.17)	.123	0.00(0.00)	0.00(0.00)	1.00	0.82(0.28)	0.91(0.17)	.123
Reflexões	0.10(0.22)	0.07(0.08)	.739	0.10(0.13)	0.15(0.13)	.089	0.80(0.23)	0.77(0.21)	.393
Futuro	0.07(0.29)	0.00(0.18)	.247	0.00(0.00)	0.00(0.00)	1.00	0.76(0.59)	1.00(0.18)	.029*

Nota: AR = Acolhimento Residencial; FB = Família Biológica

*$p < .050$, **$p < .010$

No que refere o Insucesso do *Scaffolding*, foi possível constatar diferenças significativas entre grupos nos elementos narrativos Contexto (U = 85.50, p = .005) e Circunstâncias Potencialmente Traumáticas (U = 80.00, p = .023), em que os valores medianos no grupo de jovens em regime de acolhimento residencial (*Md* = 0.36, AIQ = 0.22; *Md* = 0.03, AIQ = 0.07, respetivamente) são superiores aos valores do grupo de jovens residentes com a sua família biológica (*Md* = 0.17, AIQ = 0.12; *Md* = 0.00, AIQ = 0.00, respetivamente). Já para o Sucesso do *Scaffolding*, foram observadas diferenças significativas apenas no elemento narrativo Contexto (U = 12.00, p = .003), cujos valores medianos foram inferiores no grupo de jovens em regime de acolhimento residencial (*Md* = 112.00, AIQ = 71.25) quando comparados com o grupo de jovens residentes com a sua família biológica (*Md* = 60.00, AIQ = 43.50). Por fim, identificou-se Futuro como o único elemento narrativo onde se verificaram diferenças significativas entre grupos para o *Scaffolding* Expandido (U = 21.00, p = .029), em que os valores medianos no grupo de jovens em regime de acolhimento residencial (*Md* = 0.76, AIQ = 0.59) são inferiores aos valores do grupo de jovens que residem com a sua família biológica (*Md* = 1.00, AIQ = 0.18). Não foram encontradas diferenças significativas em qualquer uma das três dimensões do Sucesso do *Scaffolding* para as restantes categorias, nomeadamente Orientação Temporal, Causal-Motivacional e Temática; Autocaracterização, Ações, Emoções, Avaliações e Reflexões.

Discussão

Tendo em conta as experiências adversas precoces de adolescentes em acolhimento residencial (Teixeira et al., 2018), foi do interesse deste estudo explorar como estes as significam através da construção de narrativas de vida, colocando-se a hipótese de uma associação entre crescimento pós-traumático (CPT), satisfação com a vida/bem-estar (McLean & Pasupathi, 2010) e coerência da sua narrativa de vida (Gonçalves, 2000). Igualmente, procurou-se perceber como é que este processo foi afetado pelo *scaffolding* de um adulto, expectando-se maiores coerências e produtividade (Teixeira, 2014; Lee & Kinzie, 2011) em narrativas co-construídas. Por fim, analisou-se o impacto do *scaffolding* do entrevistador, hipotetizando-se diferenças entre grupos pela vulnerabilidade dos jovens institucionalizados (McLean et al., 2013).

A ausência de correlações significativas entre níveis de bem-estar e o CPT dos jovens em situação de acolhimento residencial contraria as conclusões de Ward e colaboradores

(2023) e Park (2010), que postulam uma associação positiva entre a reinterpretação positiva de acontecimentos adversos e o bem-estar subjetivo. Similarmente, nem a produtividade nem as coerências narrativas apresentaram correlações significativas com os níveis de CPT, independentemente de as narrativas terem sido, ou não, co-construídas. Sugere-se que tal se deva à natureza incerta das relações causa-efeito entre acontecimentos de vida nesta população (Thomas, 2014) que dificultam uma previsão de regularidade ou uniformidade nas narrativas. Adolescentes mais velhos apresentaram maiores níveis de CPT, o que poderá ser explicado por uma maior capacidade de produção narrativa com atribuições de significado (Habermas & Bluck, 2000) que permitam a reinterpretação positiva de acontecimentos adversos (Park, 2010; McLean et al., 2010). Já o número de reprovações demonstrou uma correlação negativa com maiores níveis de CPT, condizente com a influência negativa da falta de oportunidades sociais positivas no mesmo (McLean et al., 2013), no entanto, estes resultados não foram significativos.

No que concerne os estudos de caso, o adolescente com o nível mais elevado de CPT (P1) apresenta uma elevada satisfação com a vida, ao contrário do jovem com o nível mais baixo (P2), cuja satisfação era apenas ambivalente, o que é corroborado por McLean e Pasupathi (2010). De acordo com Park (2010) e Gonçalves (2000), a reinterpretação positiva de acontecimentos adversos associa-se ao bem-estar subjetivo e este associa-se a uma estrutura narrativa coerente, verificando-se similarmente níveis de produtividade e de coerências narrativas bastante superiores em P1 que em P2. Assim, explica-se a temática de crescimento pessoal de P1 que, através do estabelecimento de relações causa-efeito, é capaz de contextualizar perdas traumáticas e atribuir-lhes significado (McAdams & McLean, 2013; Neimeyer et al., 2014). Todavia, relativamente às narrativas de vida guiada, P2 foi capaz de atingir níveis de coerências narrativas idênticos aos de P1 e uma maior produtividade, o que sugere que P2 terá sido capaz de tirar mais partido do *scaffolding* do entrevistador do que P1. Tendo em conta que o *scaffolding* depende da relação linguagem-cognição no decorrer de uma interação social (Bruner, 1986), coloca-se a hipótese de tal se dever ao leve défice cognitivo de P1. Os episódios mais importantes da vida são fundamentais na formação da identidade e no processo de construção de narrativas, verificando-se um maior CPT em indivíduos que considerem determinadas experiências como nucleares (Cook, 2017). Isto poderá explicar os baixos níveis de crescimento em P2, já que a sua atitude perante os acontecimentos da sua história de vida é indiferente e neutra, assim como a vinculação insegura de P2 com o pai e a irmã mais

velha, que contribui para uma maior dificuldade na integração das perdas (Neimeyer et al., 2014).

Considerando a hipótese da existência de diferenças significativas na aderência ao *scaffolding* entre grupos, evidenciou-se uma maior produtividade das narrativas de vida dos adolescentes institucionalizados e, portanto, um impacto positivo do *scaffolding* nesta população, corroborando o estudo de Silva (2013). A interação dialógica entrevistador-adolescente favorece a produção narrativa (Lee & Kinzie, 2011; Massey et al., 2008), assim, como esperado, a produtividade das narrativas de vida guiadas revela-se superior à das narrativas espontâneas em ambos os grupos de adolescentes, em linha com o estudo de Teixeira (2014), realizado com um grupo de crianças. Sugere-se que apesar de jovens mais velhos necessitarem menos frequentemente de estratégias por parte do entrevistador para os manterem participativos (Reese et al., 2010; Hausendorf & Quasthoff, 1992, in Carvalho et al., 2012) estes ainda conseguem usufruir significativamente do *scaffolding*. A intervenção do adulto associa-se a uma maior coerência das narrativas produzidas (Melzi et al., 2011; Silva & Cain, 2019), o que poderá explicar, nas narrativas de vida guiadas, uma coerência causal e temática superiores dos jovens institucionalizados e uma coerência causal e temporal superiores dos jovens residentes com a família biológica comparativamente às narrativas espontâneas. Pelo contrário, esperar-se-ia uma superior capacidade de sequenciação temporal dos acontecimentos no grupo de adolescentes em acolhimento de acordo com Braga (2013). As narrativas espontâneas deste grupo apresentam uma coerência causal significativamente inferior às do grupo de adolescentes que residem com a sua família biológica, sugerindo que o seu raciocínio autobiográfico (Habermas & Bluck, 2000) parte de uma linha de base menos estruturada, possivelmente devido às adversidades características da população a que pertencem (Lilgendahl & McAdams, 2011). Como expectado, a produtividade associa-se positivamente às coerências (especificamente causal e temática) de ambos os grupos de jovens, todavia, apenas em narrativas espontâneas.

Na generalidade das dimensões do *Life Narrative Co-Construction Analysis Manual* (LNCCAM), constatou-se uma inexistência de diferenças significativas nas subcategorias entre os dois grupos para as *utterances* do entrevistador e dos adolescentes, permitindo inferir que tanto os adolescentes institucionalizados como os adolescentes residentes com a família biológica foram capazes de aproveitar o andaime do adulto para progredir na sua zona de desenvolvimento narrativo proximal. Na categoria Transição de

Turno, o entrevistador apresenta significativamente mais *utterances* Harmoniosas com os jovens institucionalizados, que respondem similarmente com mais *utterances* de Obtenção de Turno. No que concerne a Reação, o adulto conta com mais *utterances* codificadas como Continuidade Natural, Confirma e Repete com o mesmo grupo de jovens, que contam com mais *utterances* classificadas como Continuidade Natural, Ignora, Rejeita e Não Recorda. Assim, as codificações de Qualidade da Reação Positiva e Negativa encontram-se igualmente em maior número, tanto para entrevistador como para adolescentes, no grupo de jovens institucionalizados. Relativamente à Intervenção, o adulto apresenta um maior número de *utterances* codificadas como Muda ou Termina Narrativa com o grupo de jovens residentes com a família biológica, e Encorajamento, Orientação e Questões Específicas com o grupo de jovens em acolhimento residencial. Estes adolescentes contam com um número superior de *utterances* classificadas como Muda ou Termina Narrativa e Elabora. Num processo diádico entrevistador-adolescente, tendo em conta que a vasta maioria das *utterances* destas subcategorias é significativamente superior no grupo de jovens institucionalizados, isto poderá sugerir um maior esforço do entrevistador para obter um impacto do *scaffolding* semelhante aos dos jovens que residem com a família biológica.

Apesar deste esforço, através da análise do sucesso do *scaffolding*, constatou-se que o grupo de adolescentes residentes com a família biológica foi capaz de usufruir ligeiramente mais do andaime do adulto: nas categorias Contexto e Futuro, este grupo apresentou significativamente maiores níveis de Sucesso do *Scaffolding* e *Scaffolding* Expandido (respetivamente) que os jovens institucionalizados. Estes destacam-se pelos seus níveis significativamente superiores de Insucesso do *Scaffolding* nas categorias Contexto e Circunstâncias Potencialmente Traumáticas. Não obstante, a prevalência da espontaneidade de ambos os grupos no processo de co-produção narrativa e da geral inexistência de diferenças significativas entre eles ilustram um *scaffolding* bem-sucedido por parte do adulto, corroborando os estudos de Almeida (2017) e McLean e Pasupathi (2010), em particular com uma díade entrevistador externo-adolescente.

Conclusão

O presente estudo propôs-se a analisar como o crescimento pós-traumático dos adolescentes em acolhimento residencial se reflete na construção das suas narrativas de vida, assim como compreender de que forma este processo é afetado através do *scaffolding* de um adulto, acrescentando o seu contributo à literatura acerca da criação de significado e co-construção de narrativas de vida de crianças e jovens abrangidos por sistemas de promoção e proteção.

Partindo da análise narrativa, constatou-se que tanto adolescentes em acolhimento residencial como adolescentes residentes com a família biológica obtiveram melhor produtividade e coerência narrativa com o andaime do entrevistador, sem diferenças significativas entre grupos. Verificou-se em ambos os grupos uma boa adesão ao processo de co-produção narrativa, contudo, observou-se uma necessidade superior de *inputs* do entrevistador com os adolescentes institucionalizados. Salienta-se a inexistência de diferenças significativas no sucesso do *scaffolding* entre grupos, bem como a prevalência da espontaneidade da produção narrativa de ambos. Adicionalmente, os resultados sugerem que os adolescentes em regime de acolhimento residencial apresentaram, em geral, sucesso na significação das suas experiências adversas, tendo desenvolvido um satisfatório crescimento pós-traumático. Não tendo sido identificadas associações entre este crescimento e a satisfação com a vida, o desenvolvimento do raciocínio autobiográfico e da construção narrativa do self poderá depender mais das capacidades cognitivas e desenvolvimentais do adolescente do que do seu contexto ou da existência de experiências adversas ou normativas.

Algumas limitações deste estudo devem ser consideradas – não é possível generalizar os resultados para a população devido à reduzida dimensão da amostra, e recorreu-se exclusivamente a medidas de autorrelato para a avaliação do crescimento pós-traumático e da satisfação com a vida, o que aumenta o risco de desejabilidade social. Ademais, aquando da recolha das narrativas dos adolescentes, não foi possível manter o mesmo entrevistador para o grupo de jovens em acolhimento residencial e para o grupo de jovens residentes com a família biológica, comprometendo a validade da análise de diferenças entre grupos para as *utterances* do entrevistador.

Assim, sugere-se que investigações futuras procurem incluir amostras de maiores dimensões e que incluam o sexo feminino para uma maior generalização dos resultados.

Além disso, propõe-se uma análise temática de cariz qualitativo sobre a presença de crescimento pós-traumático em narrativas de vida, identificando reatribuições de significado e reconstruções narrativas.

Em suma, o presente estudo destaca-se por uma abordagem inovadora ao integrar o conceito de crescimento pós-traumático como forma de significação dos antecedentes de adversidade característicos de adolescentes institucionalizados através de narrativas de vida. A utilização do LNCCAM nesta faixa etária deu continuidade a estudos anteriores com crianças mais novas, portanto, com menor capacidade de raciocínio autobiográfico, contribuindo para uma perspetiva desenvolvimentista do *self* narrativo, evidenciando a importância do andaime de um adulto para a progressão na zona de desenvolvimento narrativo proximal de adolescentes marcados por situações traumáticas. Avanços nesta área de investigação poderão melhor orientar a intervenção narrativa nesta população.

Referências

Almeida, M. (2017). *Impacto do scaffolding nas narrativas de vida das crianças: manual de análise da interação narrativa*. [Dissertação de Mestrado]. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Baerger, D. R., & McAdams, D. P. (1999). Life Story Coherence and its Relation to Psychological Well-Being. *Narrative Inquiry*, 9(1), 69–96. https://doi.org/10.1075/ni.9.1.05bae

Braga, E. (2013). *Conhecimento autobiográfico de crianças a viver em instituição: macroestrutura temporal nas suas narrativas de vida.* [Dissertação de Mestrado]. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Brewer, M. B., & Gardner, W. (1996). Who is this "We"? Levels of collective identity and self representations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71(1), 83–93. https://doi.org/10.1037/0022-3514.71.1.83

Brewer, M. B., & Gardner, W. (1996). Who is this "We"? Levels of collective identity and self representations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71(1), 83–93. https://doi.org/10.1037/0022-3514.71.1.83

Bruner, J. (2004). The narrative creation of self. In L. E. Angus & J. McLeod (Eds.), *The handbook of narrative and psychotherapy*, 3- 14. Sage.

Bruner, J. S. (1987). *Actual minds, possible worlds*. Harvard University Press.

Carvalho, J., Martins, C., Martins, E., Osório, A., Carvalho, M. & Soares, I. (2012). Tarefa de elicitação narrativa em crianças de idade pré-escolar. *Análise Psicológica*, 4 (XXX), 359-371. https://doi.org/10.14417/ap.598

Coll, C., Palacios, J. & Marchesi, A. (1996). *Desenvolvimento Psicológico e Educação*, 74-104. Porto Alegre: Artes Médicas.

Cook, C. A. (2017). *Posttraumatic Growth Development: Core Belief Disruption, Event Centrality, and Time Since Trauma.* Doctoral dissertation. Acedido a partir de https://scholarcommons.sc.edu/etd/4041

D'Argembeau, A., Cassol, H., Phillips, C., Balteau, E., Salmon, E., & Van Der Linden, M. (2013). Brains creating stories of selves: the neural basis of autobiographical reasoning. *Social Cognitive and Affective Neuroscience*, *9*(5), 646–652. https://doi.org/10.1093/scan/nst028

Diener, E. (1984). Subjective Well-Being. *Psychological Bulletin*, 95, 542-575. http://doi.org/10.1037/0033-2909.95.3.542

Diener, E., Emmons, R. A., Larsen, R. J., & Griffin, S. (1985). The satisfaction with life scale. *Journal of Personality Assessment*, 49(1), 71–75. https://doi.org/0.1207/s15327752jpa4901_13

Erikson, E. H. (1968). *Identity, youth, and crisis.* New York: Norton.

Fivush, R., Haden, C. A., & Reese, E. (2006). Elaborating on elaborations: Role of maternal reminiscing style in cognitive and socioemotional development. *Child Development*, 77, 1568–1588. https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2006.00960.x

Habermas, T., & Bluck, S. (2000). Getting a life: The emergence of the life story in adolescence. *Psychological Bulletin*, 126(5), 748–769. https://doi.org/10.1037/0033-2909.126.5.748

Habermas, T., & Diehl, V. (2005). *Three dimensions of global coherence: Global rating scales.* Frankfurt: Goethe University.

Habermas, T., Ehlert-Lerche, S., & de Silveira, C. (2009). The development of the temporal macrostructure of life narratives across adolescence: Beginnings, linear narrative form, and endings. *Journal of Personality*, 77(2), 527–560. https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.2008.00557.x

Habermas, T., Fröhlich, A., & Diel, V. (2007). *The Autobiographical Reasoning Interview: Autobiographical reasoning from late childhood to early adulthood.* [Não publicado].

Habermas, T., Kober, C. & Schmiedek, F. (2015). Characterizing Lifespan Development of Three Aspects of Coherence in Life Narratives: A Cohort-Sequential Study. *Developmental Psychology*, 51(2), 260-275. https://doi.org/10.1037/a0038668

Habermas, T., Negele, A. & Mayer, B.F. (2010). "Honey, you're jumping about"—Mothers' scaffolding of their children's and adolescents' life narration. *Cognitive Development*, 25, 339-35. https://doi.org/10.1016/j.cogdev.2010.08.004

Henriques, M. R., & Almeida, M. A. C (2022). *Co-Construction Life Narrative Interview with Adolescents.* [Não publicado].

King, L. A., Hicks, J. A., & Del Gaiso, A. K. (2006). Positive affect and the experience of meaning in life. *Journal of Personality and Social Psychology*, 90, 179–196. https://doi.org/10.1037/0022-3514.90.1.179

Kuit, N., & Ryke, E. H. (2023). A Rapid Review of Non-death Bereavement Interventions for Children in Alternative Care. *Child & Adolescent Social Work Journal*, 40(1), 29–41. https://doi.org/10.1007/s10560-021-00757-w

Lee, Y., & Kinzie, M. B. (2011). Teacher question and student response with regard to cognition and language use. *Instructional Science*, 40(6), 857–874. https://doi.org/10.1007/s11251-011-9193-2

Lilgendahl, J. P. & McAdams, D. P. (2011). Constructing stories of self-growth: how individual differences in patterns of autobiographical reasoning relate to well-being in midlife. *Journal of Personality*, 79(2), 391-428. https://doi.org/10.1111/J.1467-6494.2010.00688.X

Look, A. (2023). The face of grief in foster care. *Journal of Humanistic Psychology*, 63(1), 126–139. https://doi.org/10.1177/0022167818812723

Massey, S. L., Pence, K. L., Justice, L. M., & Bowles, R. P. (2008). Educators' use of cognitively challenging questions in Economically Disadvantaged Preschool Classroom Contexts. *Early Education and Development*, 19(2), 340–360. https://doi.org/10.1080/10409280801964119

McAdams, D. P. & McLean, K. C. (2013). Narrative identity. *Current Directions in Psychological Science*, 22(3), 233–238. https://doi.org/10.1177/0963721413475622

McAdams, D. P. (1993). *The stories we live by: Personal myths and the making of the self.* William Morrow & Co.

McAdams, D. P. (2001). The psychology of life stories. *Review of General Psychology,* 5, 100–22. https://doi.org/10.1037/1089-2680.5.2.100

McAdams, D. P. (2008). Personal narratives and the life story. *Handbook of personality* (eds. O. P. John, R. W. Robins, & L. A. Pervin), 242–264. New York, NY: Guilford Press.

McLean, K. & Mansfield, C. (2011) The Co-Construction of Adolescent Narrative Identity: Narrative Processing as a Function of Adolescent Age, Gender, and Maternal Scaffolding. *Developmental Psychology*, 48(2), 436–447. https://doi.org/10.1037/a0025563

McLean, K. C. (2005). Late Adolescent Identity Development: Narrative Meaning Making and Memory Telling. *Developmental Psychology*, 41(4), 683–691. https://doi.org/10.1037/0012-1649.41.4.683

McLean, K. C., & Mansfield, C. D. (2011). The co-construction of adolescent narrative identity: Narrative processing as a function of adolescent age, gender, and maternal scaffolding. *Developmental Psychology*, 48(2), 436–447. https://doi.org/10.1037/a0025563

McLean, K. C., & Mansfield, C. D. (2011). To reason or not to reason: Is autobiographical reasoning always beneficial? *New Directions for Child and Adolescent Development*, 2011(131), 85–97. https://doi.org/10.1002/cd.291

McLean, K. C., & Pasupathi, M. (2010). Narrative development in adolescence. *In Advancing responsible adolescent development*. https://doi.org/10.1007/978-0-387-89825-4

McLean, K. C., Breen, A. V. & Fournier, M. A. (2010). Constructing the self in early, middle, and late adolescent boys: Narrative identity, individuation, and well-being. *Journal of Research on Adolescence*, 20, 166–187. https://doi.org/10.1111/j.1532-7795.2009.00633.x

McLean, K. C., Pasupathi, M. & Pals, J. L. (2007). Selves creating stories creating selves: a process model of self-development. *Personality and Social Psychology Review*, 11(3), 262–78. https://doi.org/10.1177/1088868307301034

McLean, K. C., Wood, B., & Breen, A. V. (2013). Reflecting on a Difficult Life: Narrative Construction in Vulnerable Adolescents. *Journal of Adolescent Research*, 28(4), 431-452. https://doi.org/10.1177/0743558413484355

Melzi, G., Schick, A. R., & Kennedy, J. L. (2011). Narrative elaboration and participation: two dimensions of maternal elicitation style. *Child Development*, 82(4), 1282–1296. https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2011.01600.x

Miao, M., Zheng, L. & Gan, Y. (2017). Meaning in Life Promotes Proactive Coping via Positive Affect: A Daily Diary Study. *Journal of Happiness Studies*, 18(6), 1-14. https://doi.org/10.1007/S10902-016-9791-4

Mitchell, M. B. (2018). "No One Acknowledged My Loss and Hurt": Non-death Loss, Grief, and Trauma in Foster Care. *Child & Adolescent Social Work Journal*, 35(1), 1–9. https://doi.org/10.1007/s10560-017-0502-8

Neimeyer, R. A., Baldwin, S. A., & Gillies, J. (2006). Continuing Bonds and Reconstructing Meaning: Mitigating Complications in Bereavement. *Death Studies*, 30(8), 715–738. https://doi.org/10.1080/07481180600848322

Neimeyer, R. A., Klass, D., & Dennis, M. R. (2014). A Social Constructionist Account of Grief: Loss and the Narration of Meaning. *Death Studies*, 38(8), 485–498. https://doi.org/10.1080/07481187.2014.913454

Nelson, K. & Fivush, R. (2004). The emergence of autobiographical memory: A social cultural developmental theory. *Psychological Review*, 11 (2), 486-511. https://doi.org/10.1037/0033-295X.111.2.486

Neto, F., Barros, J., & Barros, A. (1990). Satisfação com a vida. *In* L. Almeida, R. Santiago, P. Silva, O. Caetano, & J. Marques (Eds). *A Acção educativa: análise psico-social*, 105-117. Leiria, Portugal: ESEL/APPORT.

Park, C. L. (2010). Making sense of the meaning literature: An integrative review of meaning making and its effects on adjustment to stressful life events. *Psychological Bulletin*, 136(2), 257–301. https://doi.org/10.1037/a0018301

Reimer, D., & Schäfer, D. (2015). The use of biographical narratives to explain favourable and unfavourable outcomes for children in foster care. *Adoption & Fostering*, 39(1), 5-20. https://doi.org/10.1177/0308575914565084

Ribeiro, J. L. P. (2007). *Avaliação em Psicologia da Saúde: Instrumentos publicados em Português.* Coimbra: Quarteto.

Schofield, G., Larsson, B., & Ward, E. (2017). Risk, resilience and identity construction in the life narratives of young people leaving residential care. *Child & Family Social Work*, 22(2), 782-791. https://doi.org/10.1111/CFS.12295

Silva, M., & Cain, K. (2017). The use of questions to scaffold narrative coherence and cohesion. *Journal of Research in Reading*, 42(1), 1–17. https://doi.org/10.1111/1467 9817.12129

Silva, S. (2013). *O andaime na produtividade e qualidade. Das narrativas de vida de crianças em instituição.* [Dissertação de Mestrado]. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Tedeschi, R. G., & Calhoun, L. G. (1996). The Posttraumatic Growth Inventory: Measuring the positive legacy of Trauma. *Journal of Traumatic Stress*, 9, 455-471. https://doi.org/10.1002/jts.2490090305

Teixeira, D. (2014). *Produção de narrativas autobiográficas em crianças com percursos de vida típicos e atípicos: coerência estrutural, produtividade e temáticas.* [Dissertação de Mestrado]. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Teixeira, D. N., Silva, S. R., Henriques, M. R. (2018). *Crianças em acolhimento residencial: conteúdo temático das suas narrativas de vida.* Instituto Superior de Psicologia Aplicada. 36(1), 1-14. https://doi.org/10.14417/AP.1245

Thomas, L. J. (2014). "Once a Foster Child…": Identity Construction in Former Foster Children's Narratives. *Qualitative Research Reports in Communication*, 15(1), 84-91. https://doi.org/10.1080/17459435.2014.955596

Vygotsky, L. (1978). *Mind in Society: the development of higher psychological processes.* Harvard University Press.

Wood, D., Bruner, J. S., & Ross, G. (1976). The role of tutoring in problem solving. *Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines*, 17(2), 89–100. https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.1976.tb00381.x

Anexos

Anexo A – Análise Descritiva e Testes Estatísticos dos Domínios Valência Implícita, Scope e Elementos Narrativos do *Life Narrative Co-Construction Analysis Manual* - LNCCAM (Habermas et al., 2020)

Procedeu-se à análise descritiva da dimensão Valência Implícita referente à distribuição das suas categorias – Neutra, Positiva, Negativa, Ambivalente, Positiva para Negativa/Neutra e Negativa para Positiva/Neutra – apresentada na Tabela 7, assim como à exploração de potenciais diferenças significativas entre grupos. A ausência de normalidade da distribuição das variáveis, bem como o tamanho reduzido da amostra (N = 20), justificaram a utilização de testes não paramétricos.

Tabela 7

Descritivas – Mediana (Amplitude Interquartis) – e resultados do Teste de Mann-Whitney da variável Valência Implícita em função do grupo de adolescentes (N = 20)

Valência Implícita	Grupo		U	*p*
	AR	*FB*		
Entrevistador				
Neutra	200.50(58.75)	83.50(75.25)	95.00	<.001***
Positiva	2.00(4.50)	2.00(2.25)	59.50	.481
Negativa	1.00(3.50)	0.00(1.00)	74.00	.075
Ambivalente	0.00(0.00)	0.00(0.00)	55.00	.739
Positiva para Negativa/Neutra	0.00(0.25)	0.00(0.00)	60.00	.481
Negativa para Positiva/Neutra	0.00(0.00)	0.00(0.25)	40.00	.481
Adolescente				
Neutra	131.50(63.25)	42.50(65.75)	95.00	<.001***
Positiva	17.50(17.75)	15.50(19.00)	51.00	1.00
Negativa	34.00(18.00)	12.00(9.75)	100.00	<.001***
Ambivalente	7.50(8.50)	2.00(2.25)	80.00	.023*
Positiva para Negativa/Neutra	1.50(2.00)	1.00(1.25)	54.50	.739
Negativa para Positiva/Neutra	2.00(2.75)	4.50(4.00)	22.00	.035*

Nota: AR = Acolhimento Residencial; FB = Família Biológica

*p < .050, **p < .010, ***p < .001

Apenas se encontraram diferenças significativas relativas às *utterances* do entrevistador na categoria Neutra (U = 95.00, $p < .001$), em que os valores medianos no grupo de jovens em regime de acolhimento residencial (*Md* = 200.50, AIQ = 58.75) são superiores aos valores do grupo de jovens residentes com a sua família biológica (*Md* = 83.50, AIQ = 75.25). Com as *utterances* dos adolescentes, foi possível identificar diferenças significativas nas categorias Neutra (U = 95.00, $p < .001$) e Negativa (U = 100.00, $p < .001$), cujos valores medianos no grupo de jovens em regime de acolhimento residencial (*Md* = 131.50, AIQ = 63.25; *Md* = 34.00, AIQ = 18.00, respetivamente) são superiores aos do grupo de jovens que residem com a família biológica (*Md* = 42.50, AIQ = 65.75; *Md* = 12.00, AIQ = 9.75, respetivamente), assim como na categoria Negativa para Positiva/Neutra (U = 22.00, $p = .035$), sendo que os valores medianos no grupo em regime de acolhimento residencial (*Md* = 2.00, AIQ = 2.75) são inferiores aos do grupo residente com a família biológica (*Md* = 4.50, AIQ = 4.00). Não se verificaram quaisquer diferenças significativas para as codificações do entrevistador nas categorias Positiva, Negativa, Ambivalente, Positiva para Negativa/Neutra e Negativa para Positiva/Neutra ou, para as codificações dos adolescentes, nas categorias Positiva, Ambivalente e Positiva para Negativa/Neutra.

Para a dimensão *Scope* procedeu-se à mesma análise descritiva da distribuição das *utterances* codificadas com cada uma das suas categorias – Narrativa de Vida, Evento Único, Rotina e Facto – e à exploração de possíveis diferenças entre o grupo de jovens em regime de acolhimento residencial e o grupo de jovens residentes com a família biológica, transversalmente a falas do entrevistador e dos adolescentes. Não foi verificada a normalidade da distribuição das variáveis e a amostra era de tamanho reduzido (*N* = 20), pelo que se optou por utilizar testes não paramétricos.

Tabela 8

Descritivas – Mediana (Amplitude Interquartis) – e resultados do Teste de Mann-Whitney da variável Scope *em função do grupo de adolescentes (N = 20)*

Scope	Grupo		U	*p*
	AR	*FB*		
Entrevistador				
Narrativa de Vida	91.50(50.00)	36.50(14.00)	94.50	< .001***
Evento Único	57.50(62.00)	32.00(26.00)	79.50	.023
Rotina	1.00(2.00)	0.00(1.00)	68.50	.165
Facto	29.50(31.75)	2.00(5.50)	95.50	< .001***
Adolescente				
Narrativa de Vida	77.50(36.50)	36.50(22.50)	90.50	.001**
Evento Único	81.50(67.75)	36.50(30.00)	82.00	.015*
Rotina	10.50(13.00)	3.50(5.25)	74.00	.075*
Facto	33.50(32.25)	8.50(9.50)	93.50	< .001***

Nota: AR = Acolhimento Residencial; FB = Família Biológica

*p < .050, ***p < .001

Os resultados correspondentes ao entrevistador sugerem diferenças significativas entre grupos nas categorias Narrativa de Vida (U = 94.50, p < .001) e Facto (U = 95.50, p < .001); ambas apresentam valores medianos superiores no grupo de jovens em regime de acolhimento residencial (*Md* = 91.50, AIQ = 50.00; (*Md* = 29.50, AIQ = 31.75, respetivamente) quando comparados com o grupo de jovens que residem com a família biológica (*Md* = 36.50, AIQ = 14.00; *Md* = 2.00, AIQ = 5.50, respetivamente). Relativamente às *utterances* dos adolescentes, constatou-se que em todas as categorias os valores medianos eram superiores no grupo de jovens em regime de acolhimento residencial em comparação com o grupo de jovens residentes com a família biológica, nomeadamente Narrativa de Vida (U = 90.50, p = .001; *Md* = 77.50, AIQ = 36.50; *Md* = 36.50, AIQ = 22.50, respetivamente), Evento Único, (U = 82, p = .015; *Md* = 81.50, AIQ = 67.75; *Md* = 36.50, AIQ = 30.00, respetivamente), Rotina (U = 74.00, p = .075; *Md* = 10.50, AIQ = 13.00; *Md* = 3.50, AIQ = 5.25, respetivamente) e Facto (U = 93.50, p < .001; *Md* = 33.50, AIQ = 32.25; *Md* = 8.50, AIQ = 9.50, respetivamente). Apenas não se verificaram diferenças significativas entre grupos para as codificações do entrevistador nas categorias Evento Único e Rotina.

De forma a efetuar a mesma análise descritiva da distribuição das *utterances* tanto do entrevistador como dos adolescentes para a dimensão Elementos Narrativos, assim como possíveis diferenças significativas entre grupos, procedeu-se ao agrupamento de cada uma das 25 subcategorias da variável em categorias compósitas, de seu nome Orientação Temporal, Orientação Causal-Motivacional, Orientação Temática, Autocaracterização, Contexto, Circunstâncias Potencialmente Traumáticas, Ações, Emoções, Avaliações, Reflexões e Futuro. Cada subcategoria foi alocada a uma categoria compósita pela natureza dos processos narrativos de raciocínio autobiográfico a ela associados (Almeida, 2017). Optou-se pela utilização de testes não paramétricos devido ao tamanho reduzido da amostra ($N = 20$) e à ausência de normalidade da distribuição das variáveis.

Tabela 9

Descritivas – Mediana (Amplitude Interquartis) – e resultados do Teste de Mann-Whitney da variável Elementos Narrativos em função do grupo de adolescentes (N = 20)

Elementos Narrativos	Grupo		U	*p*
	AR	*FB*		
Entrevistador				
Orientação Temporal	23.50(11.75)	15.00(10.25)	83.00	.011*
Orientação Causal-Motivacional	26.00(13.50)	14.50(10.00)	84.00	.009**
Orientação Temática	5.00(8.00)	2.50(2.50)	67.00	.218
Autocaracterização	0.50(5.25)	0.00(0.25)	66.50	.218
Contexto	57.00(53.75)	32.50(20.00)	78.00	.035*
Circunstâncias Potencialmente Traumáticas	1.50(7.50)	0.00(0.00)	85.00	.007**
Ações	74.00(109.50)	57.00(47.75)	57.00	.631
Emoções	15.50(7.00)	5.50(9.25)	86.50	.004**
Avaliações	19.00(16.00)	13.00(9.75)	62.00	.393
Reflexões	7.50(9.50)	5.50(4.00)	57.00	.631
Futuro	4.00(7.00)	1.50(4.00)	72.00	.105
Adolescente				
Orientação Temporal	32.50(16.75)	20.00(10.75)	75.00	.063*
Orientação Causal-Motivacional	37.50(39.25)	36.00(11.25)	62.50	.353
Orientação Temática	20.00(20.25)	9.00(8.50)	69.00	.165
Autocaracterização	1.50(6.25)	1.00(1.50)	64.00	.315
Contexto	111.00(69.50)	50.50(35.50)	84.00	.009**
Circunstâncias Potencialmente Traumáticas	23.50(25.50)	2.00(3.25)	95.00	< .001***
Ações	112.00(71.25)	60.00(43.50)	80.00	.023*
Emoções	24.50(18.25)	23.50(9.25)	60.50	.436
Avaliações	45.00(52.50)	35.50(22.25)	58.00	.579
Reflexões	19.00(12.25)	17.00(14.25)	48.50	.912
Futuro	7.00(10.75)	6.00(6.75)	55.00	.739

Nota: AR = Acolhimento Residencial; FB = Família Biológica

*$p < .050$, **$p < .010$, ***$p < .001$

Os resultados sugerem diferenças significativas relativamente às *utterances* do entrevistador nas categorias compósitas Orientação Temporal (U = 83.00, $p = .011$), Causal-Motivacional (U = 84.00, $p = .009$), Contexto (U = 78.00, $p = .035$), Circunstâncias Potencialmente Traumáticas (U = 85.00, $p = .007$) e Emoções (U = 86.50,

p = .004), em todas os valores medianos do grupo de jovens em regime de acolhimento residencial (*Md* = 23.50, AIQ = 11.75; *Md* = 26.00, AIQ = 13.50; *Md* = 57.00, AIQ = 53.75; *Md* = 1.50, AIQ = 7.50; *Md* = 15.50, AIQ = 7.00, respetivamente) superiores aos do grupo de jovens que reside com a família biológica (*Md* = 15.00, AIQ = 10.25; *Md* = 14.50, AIQ = 10.00; *Md* = 32.50, AIQ = 20.00; *Md* = 0.00, AIQ = 0.00; *Md* = 5.50, AIQ = 9.25, respetivamente). Já no que toca às *utterances* dos adolescentes, constataram-se diferenças significativas nas categorias compósitas Orientação Temporal (U = 75.00, *p* = .063), Contexto (U = 84.00, *p* = .009), Circunstâncias Potencialmente Traumáticas (U = 95.00, *p* < .001) e Ações (U = 80.00, *p* = .023), sendo que os valores medianos no grupo em regime de acolhimento residencial (*Md* = 32.50, AIQ = 16.75; *Md* = 111.00, AIQ = 69.50; *Md* = 23.50, AIQ = 25.50; *Md* = 112.00, AIQ = 71.25, respetivamente) são em todas superiores aos do grupo residente com a família biológica (*Md* = 20.00, AIQ = 10.75; *Md* = 50.50, AIQ = 35.50; *Md* = 2.00, AIQ = 3.25; *Md* = 60.00, AIQ = 43.50, respetivamente). Nas restantes categorias, nomeadamente Orientação Temática, Autocaracterização, Avaliações, Reflexões e Futuro para as codificações do entrevistador, e Orientação Causal-Motivacional, Orientação Temática, Autocaracterização, Emoções, Avaliações, Reflexões e Futuro para as codificações dos adolescentes não foram encontradas diferenças significativas.

Anexo B - Inventário de Desenvolvimento Pós-Traumático – PTGI (Tedeschi & Calhoun, 1996)

De seguida, são apresentadas várias afirmações que refletem mudanças que poderão ter ocorrido na tua vida *desde que ocorreu o acontecimento traumático*. Cada afirmação corresponde a uma possível mudança na tua vida. Para cada uma deverás assinalar, com uma cruz (X), a resposta que melhor traduz o grau em que experienciaste essa mesma mudança, de acordo com a seguinte escala:

0 = Eu não experienciei esta mudança como resultado do acontecimento

1 = Eu experienciei muito pouco esta mudança como resultado do acontecimento

2 = Eu experienciei pouco esta mudança como resultado do acontecimento

3 = Eu experienciei moderadamente esta mudança como resultado do acontecimento

4 = Eu experienciei bastante esta mudança como resultado do acontecimento

5 = Eu experienciei completamente esta mudança como resultado do acontecimento

	0	1	2	3	4	5
1. Mudei as minhas prioridades sobre o que é importante na vida.						
2. Tenho uma apreciação maior pelo valor da minha própria vida.						
3. Desenvolvi novos interesses.						
4. Sinto que posso contar mais comigo próprio.						
5. Tenho uma melhor compreensão dos assuntos espirituais.						
6. Tenho uma ideia mais clara de que posso contar com as pessoas em tempos de dificuldade.						
7. Estabeleci um novo rumo para a minha vida.						
8. Sinto-me mais próxima das outras pessoas.						
9. Estou mais disponível para demonstrar as minhas emoções.						
10. Sei que consigo lidar melhor com as dificuldades.						

11. Consigo fazer coisas melhores com a minha vida.						
12. Consigo aceitar o resultado das coisas de forma melhor.						
13. Consigo apreciar melhor cada dia.						
14. Existem outras oportunidades que não teriam existido antes.						
15. Tenho mais compaixão para com os outros.						
16. Dedico-me mais às minhas relações.						
17. É mais provável que tente mudar coisas que precisam de mudança.						
18. Tenho uma maior fé religiosa.						
19. Descobri que sou mais forte do que pensava ser.						
20. Aprendi bastante sobre como as pessoas são maravilhosas.						
21. Aceito melhor necessitar dos outros.						

Anexo C - Co-Construction Life Narrative Interview with Adolescents (Henriques & Almeida, 2022)

(1) Narrativa Espontânea

(Habermas et al., 2009; Adapt. por Henriques et al., 2019)

"Gostava que me contasses a história completa da tua vida. Pensa nos acontecimentos que viveste desde que nasceste. Podes contar-me os acontecimentos mais importantes e as maiores mudanças. E o que achas que te levou a ser como és. Podes referir coisas que pessoas como eu, que não te conhecem, gostariam de saber sobre ti. Podes também contar-me como é que as tuas experiências ainda são importantes para ti atualmente, e como é que influenciaram o tipo de pessoa que és hoje. Ou seja, o que te levou a ser como és. Esta é a tua história de vida. Não há respostas certas ou erradas. E eu vou-te ouvir sem te interromper, usa o tempo que quiseres, está à vontade."

(2) Narrativa de Vida Guiada

"A atividade que te vou propor é uma espécie de conversa acerca da história da tua vida. Vou pedir para que me contes a tua história desde o nascimento, falando-me de acontecimentos significativos da tua vida, experiências que foram marcantes para ti, positivas ou negativas, e de que modo foram importantes para tu seres como és. Para isso, vou-te pedir que comeces por procurar lembrar-te das várias coisas que já aconteceram na tua vida, dando-te tempo para deixar esses acontecimentos do passado recente ou de há muito tempo virem à tua memória, e depois, pensando na tua vida como se fosse um filme, e que construas uma história da tua vida o mais completa possível. Gostava então que me contasses a história completa da tua vida, incluindo as experiências importantes que te forem vindo à memória, e como é que elas influenciaram o tipo de pessoa que és hoje. Ou seja, o que te levou a ser como és. Esta linha vai representar o tempo e vou pedir que andando ao longo dela, vás então contando a tua história. Peço-te que vás contando a tua história e de cada vez que te surgir a memória de um acontecimento especialmente significativo, pares e coles um destes autocolantes na linha, enquanto o descreves com detalhe. Aqui tens autocolantes para colar na tua linha de vida no momento em que estás a falar de um acontecimento em particular. Eu, além de te ouvir atentamente, poderei, às vezes, colocar-te algumas perguntas que te ajudem a lembrar e a descrever mais

detalhadamente os acontecimentos ou as suas influências na pessoa que és. Queres fazer alguma pergunta? Achas que podemos começar?"

Exemplos ilustrativos de *Prompts* para o *Scaffolding* Narrativo:

a. Coerência Temporal: Quando é que foi? Lembraste do que aconteceu primeiro?

Que idades tinhas? Em que ano estavas?

b. Coerência Causal Desenvolvimental: De que forma é que esse aconteceu te levou a seres a pessoa que és? Depois disso acontecer, alguma coisa mudou em ti? Notas que a partir desse acontecimento, foste uma pessoa diferente?

c. Coerência Temática: Que valores pessoais é que achas que refletem o que me

constaste? Será que este acontecimento revela alguma coisa importante para ti? Que título darias a essas experiências de vida?

(3) Finalização

(Habermas et al., 2009; Adapt. by Henriques et al., 2019)

"Estás bem? Como é que foi para ti? Queres acrescentar alguma coisa? Tens alguma dúvida ou questão? Muito obrigada pela tua participação e pela partilha. Foi muito importante para mim. Mais uma vez muito obrigada pela ajuda."

Responder às questões que possam ser colocadas pelo/a participante e assegurar a transição para a sua rotina diária.